

CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS

2

MAIO / 92



UFBA



INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS



CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS é uma publicação quadrimestral editada pelo INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS da UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.

Reitora: ELIANE ELISA DE SOUZA E AZEVEDO
Vice-Reitora: NADJA MARIA VALVERDE VIANA

Diretor: FRANCISCO JOSÉ GOMES MESQUITA
Vice-Diretor: LUIZ TARCISO CORDEIRO PAMPONET

Chefe do Depart. de Sedimentologia: ABÍLIO CARLOS DA S. P. BITTENCOURT

Chefe do Depart. de Geografia: CLAUDEMIRO FERREIRA CRUZ NETO

Chefe do Depart. de Geoquímica: DÉLIO JOSÉ FERRAZ PINHEIRO

Chefe do Depart. de Geologia e Geof. Aplicada: JOSÉ HAROLDO DA SILVA SÁ

Coord. do Coleg. de Grad. em Geografia: MARIA ELVIRA PASSOS COSTA

Coord. do Coleg. de Grad. em Geologia: SILVÂNIA MARIA OLIVEIRA MESQUITA

Coord. do Coleg. de Grad. em Geofísica: EDSON EMANOEL STARTERI SAMPAIO

Coord. do Curso de Pós-Grad. em Geologia: JOHILDO S. FIGUEIREDO BARBOSA

Coord. do Curso de Pós-Grad. em Geociências: LUCEDINO PAIXÃO RIBEIRO

Coord. do Curso de Pós-Grad. em Geofísica: OLIVAR ANTONIO LIMA DE LIMA

Coord. do Centro de Extensão do IGEO: MARIA TERESA TEIXEIRA ROCHA

Conselho Editorial: FRANCISCO JOSÉ GOMES MESQUITA

DÉLIO JOSÉ FERRAZ PINHEIRO

HÉDISON KIUTY SATO

JOSÉ HAROLDO DA SILVA SÁ

MILTON JOSÉ PORSANI

PEDRO DE ALMEIDA VASCONCELOS

Digitação: ELZA M. DE CARVALHO AZEVEDO

Diagram., compos., arte final e program. visual: HÉDISON KIUTY SATO

Leiaute e arte final da capa: DIVISÃO DE SERVIÇOS TÉCNICOS DA
COMPANHIA BAIANA DE PESQUISA
MINERAL (CBPM)

Impressão: GRÁFICA UNIVERSITÁRIA DA UFBA

Tiragem: 500 EXEMPLARES

CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS

FEVEREIRO/MAIO, 1992

Sumário

EDITORIAL	
EM BUSCA DO DIÁLOGO PERDIDO (I): O CÍRCULO DE GIZ - <i>Délio José Ferraz Pinheiro</i>	1
EM BUSCA DO DIÁLOGO PERDIDO (II): A SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS - <i>Délio José Ferraz Pinheiro</i>	6
DUPLA HERANÇA IMPERIAL: A COMUNIDADE DE ESTADOS INDEPENDENTES - <i>Pedro de Almeida Vasconcelos</i>	12
MUDANÇAS NA GEOGRAFIA ECONÔMICA DO BRASIL - <i>Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva</i>	29
COMENTÁRIO SOBRE A JORNADA DE 30 HORAS PLEITEADA PELOS FUNCIONÁRIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - <i>Joaquina Lacerda Leite</i> ...	32
OBRAS DE REFORMA GERAL DO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS - <i>Francisco José Gomes Mesquita</i>	39
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE GEOCIÊNCIAS: UMA REALIDADE AO NOSSO ALCANCE - <i>Osmário Rezende Leite e Hailton Mello da Silva</i>	41
CAMPANHA "VIDRO PARA A VIDA" - <i>Regina Celeste de A. Souza</i>	45
NOTÍCIAS	47

Os artigos podem ser reproduzidos, no todo ou em parte, com a condição de serem acompanhados do nome do autor, do registro "Reprodução dos CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS" e indicação da data. Três cópias deverão ser enviadas ao Instituto de Geociências.

Os artigos publicados nos CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS são de inteira responsabilidade dos autores e não exprimem necessariamente a opinião do Instituto de Geociências ou do Conselho Editorial da Revista.

Cadernos de Geociências / Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia. - Vol. 1, n. 1 (1992)-
Salvador: GEO, UFBA, 1992-
v.; 22cm

Quadrimestral

1. Geociências - Periódicos I. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociências

CDU 55:91(05)

Rua Caetano Moura, 123- Federação
Campus Universitário da Federação
40.210 - Salvador - Bahia
Tels.: 247.2566* - 247.2775*
FAX (071) 247.3004

EDITORIAL

A abrangência, natureza temática e diversificação dos artigos publicados neste número dos CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS, seguramente consolidam o perfil pretendido para esta Revista. Substancialmente mais volumoso e qualitativamente mais aprimorado que o número inaugural, lançado em janeiro/92, as contribuições recebidas espelham a compreensão da concepção que se aspirava imprimir a esta publicação: um caráter mais de "Caderno" do que de "Boletim Informativo".

Criada com o espírito de abrigar o livre debate de idéias e suscitar questões de interesse da comunidade do Instituto de Geociências, neste número da Revista são apresentados artigos que vão desde a atualidade da formação da Comunidade de Estados Independentes - C.E.I., passando por ensaios sobre a questão da (in)cultura na Universidade, até a abordagem - que certamente despertará polêmicas - sobre a possibilidade de implantação da jornada de trabalho de 30 horas semanais para os servidores técnico-administrativos. Estes, e os demais artigos aqui contidos privilegiam e asseguram, sobretudo, a liberdade de opinião dos seus autores.

Com a publicação deste 2o. número da série CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS, além de manter-se a periodicidade quadrimestral originalmente prefixada, rompe-se com o estigma que persegue publicações desse gênero, as quais, em geral, resistem por muito pouco tempo, e tornam-se natimortas. Assim, a vida desses cadernos dependerá, essencialmente, da renovada e ampliada contribuição dos docentes, servidores técnico-administrativos e alunos do Instituto de Geociências. Persistir, portanto, é tarefa de todos. E, neste sentido, é oportuno assinalar que esta publicação resulta na íntegra do esforço, conscientização e dedicação da comunidade do IGEO.

Finalmente, é importante registrar que não obstante os CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS sejam uma iniciativa institucional, os artigos, opiniões, comentários e outras contribuições publicadas, exprimem a opinião dos seus autores e não necessariamente do Instituto de Geociências ou do Conselho Editorial da Revista.

Salvador, maio de 1992

Conselho Editorial

EM BUSCA DO DIÁLOGO PERDIDO (I): O CÍRCULO DE GIZ

Délio José Ferraz Pinheiro*

*A cultura é o esforço humano para lançar
pontes sobre o abismo.*

HÉLIO PELLEGRINO. A Burrice do Demônio.

Em seu instigante livro *Os últimos Intelectuais*, o escritor e professor universitário norte-americano Russell Jacoby tematiza a decadência da cultura pública. Nessa obra, salienta que os intelectuais independentes que consideravam a arte como uma participação na vida e escreviam para um público amplo, composto de leitores educados e não-especializados, estão em extinção. Desistiram dos prazeres de ficar até o amanhecer discutindo livremente sobre literatura, música, política e sobre a vida e a morte, de devanear e sonhar com seus próprios projetos; abandonaram as aventuras coloquiais com os amigos, onde nenhum assunto era tabu. Com a queda dos redutos da intelectualidade, determinada pela reestruturação das cidades e o declínio da boemia, houve uma migração dessa geração intelectual para os *campi* universitários, onde a relativa segurança da vida acadêmica (salários regulares, férias etc.) parecia abrigar uma ampla compensação.

A remodelação da vida dos intelectuais implicou a remodelação da vida intelectual. Nos *campi*, foram suplantados pelos intelectuais high tech... Os intelectuais mais jovens, cujas vidas se desenvolveram quase inteiramente nos *campi*, se dirigem aos colegas de profissão mas são inacessíveis e desconhecidos para outras pessoas. A publicação de artigos em revistas especializadas e as monografias se tornaram seus sustentáculos... Colegas da mesma especialidade agora julgam seus manuscritos... Os textos acadêmicos se transformaram em boletins ilegíveis (evidentemente que textos acadêmicos ininteligíveis não constituem novidade); de novo, a questão é a quantidade deles, não a inovação.(1) Os acadêmicos, ao escreverem para publicações especializadas, criaram sociedades insulares, que escapam inteiramente ao domínio público. E, assim, entrincheirados institucionalmente e ocupados com seus destinos acadêmicos, não participam da vida cultural, nem a influenciam. As teses e monografias que consomem anos de energia nervosa, têm, quase invariavelmente, como destino, as empoeiradas prateleiras das bibliotecas, onde permanecem intocadas. Não há como negar que esse tem sido o desvio dos intelectuais no modelo universitário vigente, nestes tristes trópicos. É preciso reconhecer que, se a ciência é pragmática e tem compromissos com resultados, com o avanço da tecnologia, ou com um objeto determinado, é "a cultura que alicerça a dignidade humana"(2).

Outra referência dessa realidade pode ser encontrada no artigo *Universidade Brasileira: Centro de excelência ou indigência?* (A Tarde, Cultural, 06.04.91), no qual o Professor Felipe Serpa do Mestrado em Educação da UFBA alerta que a Universidade tem-se desviado do seu objetivo fundamental - produção e reprodução crítica do conhecimento

*Professor do Departamento de Geoquímica do Instituto de Geociências da UFBA e do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.

socialmente relevante - para o objetivo das escolas profissionais - a formação de quadros nas diferentes profissões. Sem vitalidade cultural, e sem levar em consideração o meio social no processo de ensino, a Universidade tornou-se um local de adestramento profissional para as diversas funções estabelecidas. Não tenho dúvida de que, nesta equivocada postura, repousa a monotonia do ensino universitário.

Esvaziando-se da sua vocação pluricultural e humanística, ao privilegiar o saber científico através da aridez pragmática do ensino formal e técnico, a Universidade distancia-se da realidade social e abandona a possibilidade de exercer a sua função transformadora. Como resultado dessa práxis equivocada, professores e alunos têm experimentado profundas frustrações. O espectro que ronda os *campi* universitários, é o de salas de aula povoadas por alunos desabastecidos de entusiasmo, duvidosos quanto à escolha da profissão que optaram e temerosos do futuro. Um cenário de opacas perplexidades. E não nos esqueçamos: a falta de entusiasmo, de interesse, conduz fatalmente ao desconhecimento, ao tédio intelectual. "O solo está cada vez mais ralo e duvido que seja capaz de sustentar os troncos maiores".(3)

A crise intelectual e o empobrecimento da cultura pública decorrem também da hostilidade da sociedade contemporânea, de caráter nitidamente comercial. "Na sociedade latino-americana, instituíram-se formas de ascensão social baseadas vilmente no dinheiro, consubstanciadas no infame ditado *Tanto tienes, tanto vales* numa equiparação desumana de riqueza com o ser" (4). Seguramente, é uma síntese do discurso da razão cínica. Nos dias atuais, esta perturbadora atitude tem norteado o incerto rumo dos brasileiros. Vivemos numa época dura e brutal, na qual o desejo humano de conhecimento amplo e de refinamento do espírito tem sido asfixiado por um pragmatismo radical. Valores essenciais são sufocados pela lógica fria e lugares-comuns da sociedade. E, assim, a vida vai se tornando um tedioso baile de máscaras.

A Universidade não escapa desse festim trágico que impõe aos estudantes uma angustiada experimentação da incerteza, diante das contradições entre cultura e mercado. A escolha da profissão por um jovem estudante tem sido determinada através de critérios ditados pela tradição (Medicina, Direito e Engenharia Civil) e pelos caprichos imediatos do mercado de trabalho (Administração de Empresas, Processamento de Dados, Publicidade, Comunicação etc.). Raramente, esta escolha é fundamentada no desejo íntimo de realização de suas vocações individuais. Não há mais o anseio de permitir que um impulso oculto dê livre curso às forças insondáveis que tecem os seus destinos. Não perscrutam seus próprios corações deixam de ser idênticos a eles mesmos. Não há uma escolha, há uma indução. Sacrificam as paixões pela cultura e pela beleza em troca das ilusões do caráter puramente finalístico da realidade "objetiva". Enredam-se nas armadilhas de suas próprias ambições. Caem na emboscada.

Não é por acaso, portanto, que esse equívoco fundamental, quando reconhecido, conduza o alunado a sucessivas repetências, a elevados índices de evasão, ou a tentativas de transferência para outros cursos como se uma mudança de dúvida fosse uma solução. Muitos desistem. Quando permanecem e não exercem o espírito crítico que a cultura desenvolve, vivenciam a apática perseguição do diploma através de uma forçada "poupança" de créditos curriculares necessários à graduação. Cada disciplina torna-se, então, um obstáculo a ser vencido para a aproximação do poder e status ilusórios que antevêm no diploma universitário. Em troca da realização dessa meta, perdem a fascinação do

conhecimento e da transformação individual, abdicam dos prazeres silenciosos dos textos e abandonam a paisagem inesgotável da cultura intelectual, tornando-se vítimas inocentes da sedução do poder - um perigoso desvio. Neste sentido, parece-me oportuno recordar uma reflexão de William Butter Yeats (Dublin, 1865 - Roqueburne, 1939), poeta lírico e dramaturgo irlandês, laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1923, e possivelmente o maior poeta de língua inglesa do século XX: "nunca poderá haver coexistência entre o poder e o conhecimento, que a posse de um significa a perda do outro". Sempre estamos condenados a fazer escolhas, e cada escolha porta o risco de uma perda que não se pode recuperar. Não é possível libertar-se dessa condição humana.

Por outro lado, cedendo lugar ao refinamento hermético do saber específico, especializado, a universalidade do conhecimento (de onde nasce a palavra Universidade) praticamente deixou de existir. A função da Universidade não deve ser resumida às expectativas e exigências do mercado de trabalho ou ao cientismo. É evidente que não me oponho ao conhecimento científico, até porque também se trata da aplicação do espírito. Mas, ao adensá-lo e torná-lo quase exclusivo, a Universidade deixa de satisfazer um dos mais nobres pressupostos traçados na sua gênese. A preparação nas Universidades deve e tem de ser cultural e científica. Como nos ensina o filósofo e educador Paviani, a relação entre cultura e ciência deveria estar presente em todos os programas de um currículo, no próprio plano de curso. Positivamente, este é um aspecto onde a Universidade não consegue ter uma face nítida. Ao contrário, o que se revela é uma dualidade que tangencia absurdamente o maniqueísmo. Este caráter dual foi precisamente captado pelo professor universitário norte-americano Allan Bloom quando expressou em seu livro *O Declínio da Cultura Ocidental: Da Crise da Universidade à Crise da Sociedade* (1987): "Hoje em dia, a ciência surge como uma ameaça à cultura e um sortilégio destruidor". É possível que este seja o ultracentro da questão: um nó górdio que não se desatará caso não se admita, como o faz com entusiasmo o intelectual e idealizador da Universidade de Brasília Darcy Ribeiro: "Vai-se à Universidade estudar cultura, estudar o mundo". Os cursos de graduação das universidades devem ser oficinas de cultura onde se forjam inteligências. E não creio que se trate de uma esperança absurda, ainda que se viva num país onde a imensa maioria da população não lê ou lê mal e as questões culturais tenham sido tragadas pelos temas econômicos.

Não se trata, entretanto, de pretender exilar a ciência mas, ao contrário, de enriquecê-la, fazendo-a coexistir com a cultura intelectual. Cientistas e intelectuais não são seres de civilizações incompatíveis. Contudo, comumente, a miopia auto-imposta não nos deixa enxergar que, embora a ciência e a tecnologia tenham criado o vôo maravilhoso de pássaros metálicos como o Concorde e o Tupolev, jamais pôde realizar algo tão belo e significativo quanto o vôo humano de Ícaro. Temos de reconhecer, como assevera o psicanalista e intelectual Hélio Pellegrino, que o nosso patrimônio fundamental não é tecnológico mas poético e mágico. Professores que prescindem dessa perspectiva, perdem a percepção de sua própria contemporaneidade e mesmo da realidade sócio-cultural do seu país. Produzem ciência, é verdade, e muitas vezes são competentes. Há talentos, ainda que a vocação (ou não seria melhor dizer devoção?) científica seja muito rara. Mas à exceção de alguns grupos de excelência científica ou pesquisadores individuais de elevada qualificação e de excepcional criatividade e invejável persistência, será que saberíamos responder a três indagações de singularidade primordial: ciência para que? e para quem? E, num país tão atrasado como o nosso, será que também não produzimos uma ciência de Terceiro Mundo?

Este é um estímulo à reflexão.

Em que pesem os notáveis exemplos de manifestações culturais e de sua máxima importância para o saber ao longo da história da humanidade, a cultura pública tem declinado tão vertiginosamente que limita e oblitera os horizontes humanos. A propósito, convém ilustrarmos o cenário educacional do país e a sua realidade cultural recorrendo a uma pesquisa recente (novembro, 1991), realizada pelo DataFolha, envolvendo três instituições universitárias: Universidade de São Paulo (estadual), considerada a melhor Universidade do país, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (particular), e Universidade Federal de Pernambuco. Os resultados dessa pesquisa atestam, de forma assustadora, o grau de incultura vigente no âmbito universitário: a sub-remuneração dos professores deriva de uma dedicação média de 42 horas semanais em tarefas docentes (preparar e dar aulas, corrigir trabalhos acadêmicos, elaborar e corrigir provas, além de gastarem uma imensa energia para vencer trâmites burocráticos, e fazer pesquisa). Nesse quadro, não há como se manter constantemente atualizado: o que deveria ser uma atitude dominante de quem prepara a elite intelectual brasileira. Conforme a referida pesquisa, esta impossibilidade de se manter uma preocupação permanente com a cultura reflete-se nos 72% dos professores que não foram ao teatro no mês anterior ou nos 53% que não entraram numa sala de cinema. Na área da literatura, a situação ainda é mais perturbadora: 29% dos docentes, ou seja, quase um terço, leu apenas um único livro no período considerado, e (pasmem!), entre os que leram algum livro, os preferidos ficaram entre os best-sellers, livros de grande consumo porque são agradáveis, se lêem facilmente, mas não acrescentam nada intelectualmente: são praticamente inúteis. A pesquisa revela ainda que, em termos pedagógicos, a velha aula expositiva retoma a preferência de 43% dos professores e 55% dos alunos, o que conota um clima de conformismo. Propositadamente, vou poupá-los de comentar a situação dos alunos, cujos percentuais de absentéismo cultural são ainda mais sombrios.

O empobrecimento da cultura pública pode ainda ser ilustrado se olharmos para a queda de investimentos na aquisição de livros e revistas necessários à atualização e ampliação dos acervos das bibliotecas das Universidades Federais. Como reflexo, a constatação, nada orgulhosa, de que as universidades brasileiras têm menos livros por estudante do que as universidades africanas. Na África, em 1984, havia 50 livros por estudante universitário, enquanto a média brasileira, em 1988, era de 19,93. A Universidade de Dacar (Senegal) possuía em 1987 cerca de 30 livros por aluno, índice superior ao das 47 universidades brasileiras pesquisadas. A propósito, é importante mencionar que estes dados pertencem a um relatório do então Ministério da Educação e Cultura (os dados referem-se ao período 1985-88) intitulado "Bibliotecas das Instituições Federais de Ensino Superior: Remontar ou Desmontar?". Se tivermos a audácia de comparar estas estatísticas com as das universidades do Primeiro Mundo, o resultado é humilhante: a Biblioteca da Universidade de Harvard (Massachusetts, EUA) tinha, em 1989, cerca de 10 milhões de volumes, enquanto a instituição federal de ensino superior do Brasil que detém o maior acervo bibliográfico - Universidade Federal do Rio de Janeiro - alcançou, em 1988, cerca de 750.000 volumes. Estes números equivalem para Harvard uma média de 1.200 livros por aluno, contrastando, sensivelmente, com a média brasileira, que, como vimos, não ultrapassa a 20 livros por estudante.

Este é o retrato de uma realidade. É indiscutível que os fatos e dados apresentados

não nos oferecem uma visão de esperança. Mas não representam o fim da esperança. As informações que acabamos de revelar, proporcionam uma imagem preocupante sobre o intelectual. Ademais, há um quadro financeiro que impede a realização de aspirações individuais de aprimoramento cultural. Ainda assim, há professores que, altruisticamente, montam, volume por volume, as suas bibliotecas particulares, através de sacrificantes sangrias nos seus baixos salários. Deste modo, não surpreende o fato de que inúmeros textos não-especializados publicados nos espaços e cadernos culturais dos jornais e revistas do país são de autoria de professores universitários. A cultura acadêmica voltada para o público amplo e esclarecido ainda pulsa... O sentimento que experimento com relação a esses professores, é de orgulho e de inveja intelectual. Sei quanto de criatividade, transpiração, ascetismo, paciente artesanaria, sofrimento e prazer convivem na escritura de um texto. É um ofício que exige dignidade e coragem. Para mim, estes intelectuais assumem a postura simbólica de quixotes iluminados de caneta em punho sobre o espelho do papel em branco, lutando contra as trevas. Cada texto publicado equivale a um tapa na acomodação.

A cultura pública sobreviverá caso os professores abandonem as suas posturas aridamente profissionalizantes e retornem a ler, pensar e escrever... Rompam com o seu isolacionismo cultural e escrevam numa linguagem acessível ao público sério e educado e não se intimidem com o seu nobre papel de construtores de sonhos, de fundadores de mundos. Enfim, permitam-se a fruição do imaginário, e compreendam que "nada amplia de forma tão assombrosa os horizontes imaginativos das potencialidades humanas como as utopias", conforme nos ensina o filósofo e historiador das idéias, Isaiah Berlin, destacado professor da Universidade de Oxford.

É pois urgente a necessidade de romper o círculo de giz anacronizado que nos envolve. E não se trata apenas de um símbolo ou uma metáfora ilustrativa, mas de uma fronteira espessa e difícil de transpor. Se desejamos mudanças, temos que mudar: experimentar, inovar, desafiar os nossos limites e ultrapassar o círculo de giz que nos enreda e paralisa. Afinal, há sempre a possibilidade de um recomeço...

NOTAS DE REFERÊNCIA

01. JACOBY, RUSSELL. Os últimos intelectuais: A Cultura Americana na Era da Academia. São Paulo. Trajetória Cultural/Editora da Universidade de São Paulo. 1990.
02. BLOOM, ALLAN. O Declínio da Cultura Ocidental: Da Crise da Universidade à Crise da Sociedade. São Paulo. Editora Best Seller. 1989.
03. *ibidem*. p. 63
04. RIBEIRO, LEO GILSON. O Continente Submerso: Perfis e depoimentos de grandes escritores de Nuestra América. São Paulo. Editora Best Seller. 1988.

EM BUSCA DO DIÁLOGO PERDIDO (II): A SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS

Délio José Ferraz Pinheiro*

*A arte estiliza as experiências do cotidiano
e antecipa um outro princípio de realidade.*

HERBERT MARCUSE

Não sem razão, os velhos compêndios definem pedagogia como ciência e como arte, concedendo à prática de ensinar um alcance mais amplo e audacioso. Nesta perspectiva, o educador é um homem de ciências e um artista. Assim, não parece incorreto admitir que o processo educativo deva transcender a construção e reconstrução do conhecimento, dirigindo-se também para ofertar aos alunos a possibilidade de ultrapassarem a realidade ordinária. "Todos nós temos necessidade da idéia de um mundo alternativo ao mundo em que vivemos". (1) É preciso que o professor universitário reflita (e repense) acerca da elevada importância libertadora do seu papel de educador, sobretudo, nessa época em que a nova geração se ocupa, cada vez menos, com a aventura pessoal e destina-se, com toda intensidade, a ser "bem-sucedida" na vida.

A geração que atualmente cursa a Universidade, foi inteiramente educada dentro da tradição da televisão, e difere significativamente de gerações anteriores. Vivem numa época do predomínio da palavra falada sobre a escrita. Rápido no aprendizado através da visão e do som, o estudante de hoje tem dificuldade para ler e escrever. Por certo que esta reflexão do ensaísta e romancista Gore Vidal (West Point, Nova York, 1925 -) é facilmente constatada em qualquer sala de aula, notadamente, nas complexidades enfrentadas pelos alunos nas provas e trabalhos escolares que exigem redação. Nas provas subjetivas, alunos experimentam a agonia pessoal de conhecerem as respostas das questões e, no entanto, ficam impotentes para expressá-las - a ausência do hábito da leitura, em função da influência massificadora da televisão, conduz a graves entraves na escrita. Além disso, a não-leitura aliena e inibe a libertação do imaginário. Os jovens, ao deixarem de conviver com os livros - estes silenciosos e bons companheiros - têm reduzida uma das atitudes mais sensuais do ser humano: pensar e ir além da realidade "objetiva".

A respeito deste agudo problema geracional decorrente da presença maciça da televisão, afirmou o grande cineasta italiano, apaixonado pela literatura, Roberto Rossellini (Roma, 1906 - 1977) no livro *Fragmentos de uma Autobiografia* (concluído dois meses antes da sua morte): não se consome impunemente sua dose audiovisual diária de banalidades.

Sem simulacros, pode-se afirmar que a Universidade não tem conseguido êxito na mudança dessa postura que acompanha os alunos desde o início da sua escolaridade. Apesar das tentativas de inovação metodológica (quase sempre frustrantes), retornou-se, com pequenas variações, ao velho costume da aula expositiva, um quase monólogo fundado na

*Professor do Departamento de Geoquímica do Instituto de Geociências da UFBA e do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.

"saliva e giz", se me permitem a rudeza simbólica da expressão. Podem até ser aulas retoricamente interessantes, mas como se referiu, numa catarse-síntese, um aluno de Física da USP: "Isto aqui é um *colegião*. O que eles (os professores) te ensinam aqui, são as respostas para um monte de perguntas que já existem, eles deveriam ensinar as pessoas a fazer as perguntas" (Folha de São Paulo, 28.10.91 p.1-7). A espontaneidade e simplicidade desta manifestação tornam evidentes a necessidade de mudanças de procedimentos. E não é preciso ter uma perspicácia especial para compreender isto. Turvar a água jamais a tornou mais profunda. O panorama é transparente e visível. Muitos cursos não atendem às expectativas dos alunos.

Era preciso experimentar o novo: transgredir a tradição, fazendo desaparecer muitas das antigas certezas adquiridas. Estas idéias me inquietavam e desafiavam a minha curiosidade - um impulso a um só tempo libertador e angustiante: a busca do diálogo perdido. E, foi assim que venci a inércia e conduzi-me a arriscar o mergulho em uma nova experiência pedagógica, utilizando a poesia como método capaz de redirecionar o percurso intelectual dos alunos e lhes desenvolver a afeição pela leitura. Ao me decidir por revisitar a alma errante dos poetas que influenciaram várias gerações, estava convencido de que "a poesia é um desvio criador, que produz uma ordem nova e diferente [...] e o poema nos revela o que somos e nos convida a ser o que somos", conforme aprendera com o poeta e ensaísta Octavio Paz (Cidade do México, 1914 -). De igual modo, inspirava-me a reflexão do maior dramaturgo da literatura universal - e que curiosamente jamais pertenceu ao *establishment* universitário - William Shakespeare (Stratford-on-Avon, 1564 - 1616), ao afirmar em *All's well that end well* (Ato IV, cena III): "Simplesmente aquilo que sou / me fará vivo".

Estava decidido e, em excelente companhia o que reforçava sobremodo a minha convicção. Além disso, a disciplina que leciono, de abrangência ampla e de caráter introdutório oferecia as condições propícias para a realização de mudanças. Os riscos, portanto, seriam mínimos. E, caso a tentativa não resultasse em algo positivo, ao menos viveríamos (professor e alunos) o prazer estético da ruptura.

O único problema que persistia, era o de decidir o caminho para concretizar a aspiração de vasculhar os meandros de sensibilidade intelectual dos alunos e despertá-los para a observância do novo. A escolha recaiu em adotar, como estratégia de primeiro encontro, a projeção, como aula inaugural, do filme *SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS* (*Dead Poets Society*), produção norte-americana do final da década de 1980, dirigida pela câmera competente de Peter Weir, australiano radicado nos Estados Unidos. Ao escolher seletivamente um filme como recurso metodológico capaz de irrigar os alunos com idéias renovadoras, estava consciente de que não resvalava para o paradoxal uso massificador da imagem e do som. Ao contrário, o filme escolhido não era mais uma dose de banalidade. Trata-se de um filme intimista, refinado e inteligente, de linguagem compreensível e sem significações escondidas, cujo tema central é o eterno conflito entre o velho e o novo, abordando a dualidade entre a tradição e a inovação. A Sociedade dos Poetas Mortos é, em essência, uma figuração da rebeldia do confronto, o despertar para uma nova forma de vida, remetendo aos campos da imaginação e da criatividade, ao sem limite e ao impossível. O filme do talentoso diretor Peter Weir resgata o ideário liberal, superando a imutabilidade do destino imposto aos jovens pelos lugares-comuns da sociedade.

A projeção deste filme possibilitava, de um lado, manter o modelo de aprendizado

cotidiano que os alunos estavam acostumados - a imagem e o som - o que facilitava a absorção do seu conteúdo sem gerar as complexidades e impactos de uma mudança abrupta e radical. De outro, o cinema é uma atividade coletiva que proporciona uma combinação de música, literatura e imagem (fotografia em movimento), enfim, das artes em sua função libertadora, no mais puro e refinado sentido da transgressão.

O acerto desta decisão pode ser encontrada na reflexão do humanista, poeta, filósofo e pedagogo tcheco Jan Amos Komensky (Morávia, 1592 - Amsterdã, 1670), mais conhecido pelo nome latinizado de Comenius, e considerado o precursor da pedagogia moderna: Infelizmente, em pedagogia temos de utilizar grandes quantidades de palavras, mesmo que seja para descrever as coisas mais simples; e, em relação às palavras cada um entende o que quer. Durante dez aulas posso falar a meus alunos sobre o elefante, dando todos os detalhes possíveis; eles imaginarão algo que será diferente para cada um e que talvez não tenha nenhuma relação com a realidade. Se eu simplesmente pudesse mostrar-lhes um elefante, saberiam em seguida o que é. Ah! se tivéssemos a imagem! (este texto foi escrito em 1670). Agora temos a imagem e razões suficientes para utilizá-la.

A estória de Sociedade dos Poetas Mortos gira em torno de um professor de inglês, carismático, John Keating, personagem interpretado pelo ator Robin Williams, o qual, através de métodos heterodoxos, convoca os jovens estudantes para o novo, inquietando os conservadores e desafiando a imposição ritualista da instituição. A vetusta escola ficcional que vemos no filme (Academia Welton), em certa medida, reproduz a escola atual: uma inércia sustentada pelo mito.

O que me agrada profundamente no filme é o seu libelo contra o conformismo, a sua instigação à uma nova percepção da realidade. O personagem vivido por Robin Williams rompe com os rigores do ortodoxismo dogmático da academia, e, explorando os horizontes utópicos da poesia, impede que seus alunos afundem no atoleiro do conformismo. Torna os alunos livre-pensadores, revelando-lhes que a imposição contradiz a cultura e que a verdadeira cultura é sempre renovadora. Enfim, estimula os jovens a refletirem sobre a suprema realização da independência individual, mostrando-lhes que o sentido da vida é a mais urgente das questões. O corajoso entusiasmo e a rebeldia romântica do professor Keating podem ser avaliados pelos diálogos que mantém com seus alunos. O roteiro escrito por Tom Schulman (Oscar de Melhor Roteiro Original) expressa, com rara lucidez, as questões principais levantadas pelo filme, através das frases essenciais do professor inovador: "Educar é ensinar a pensar sozinho"; "Medicina, Administração e Engenharia são ocupações nobres, necessárias à vida. Mas, poesia, beleza, romance, amor, isto é o que nos mantém vivos". "Não considerem só o que o autor pensa, mas o que vocês pensam". "Tornem suas vidas extraordinárias, porque senão as vítimas serão seus corações e mentes".

É interessante notar a comunhão entre os ensinamentos do personagem interpretado por Robin Williams e a surpreendente atualidade de uma afirmativa de Comenius, quando no século XVII, advertiu premonitoriamente: "Quanto mais o professor ensina, menos o aluno aprende". Infelizmente, até hoje, decorridos mais de trezentos anos da assertiva de Comenius, grande parte dos professores não praticam este axioma fundamental do ensino, que conduz a uma ação libertadora. De igual modo, os alunos ainda não assimilaram que pode haver várias respostas para a sua pergunta, contudo a singularidade está no fato de a sua pergunta ser única, original, intransferível.

Mas há, sobretudo, uma expressão que perpassa por todo o filme operando como uma mensagem emblemática do seu conteúdo: CARPE DIEM! É notável que essa citação que nos atinge como uma ação revolucionária, provenha de 2000 anos atrás, e foi enunciada pelo poeta Horácio (Venúsia, Itália, 65 a.C - Roma, 8 a.C), refletindo sua filosofia epicurista:

... Dum loquimar
fugerit invida
aetas: carpe diem, quam minimum credulo postero.*

"Odes", livro I, poema II.

Diante da estupidez granítica do tradicionalismo da escola retratada pelo filme, e do indiscutível fascínio pelas posturas e ensinamentos inovadores do Prof. Keating, os estudantes adotam como lema o Carpe Diem! (Colhe o dia!) e recriam a Sociedade dos Poetas Mortos vivenciada na juventude pelo seu professor.

Ao penetrarem nos sortilégios da poesia, despertam para um novo sentido da vida. Descubrem a poesia que trazem em si e deixam fluir à consciência aquilo que ocorre no espírito. Revigorados, renascem e recomeçam. Compreendem que "o poeta e o leitor são dois momentos de uma mesma realidade (2) e que "o poeta não está exilado do seu poema, é seu habitante de máxima importância... e se temos de sofrer, mais vale criar o mundo em que sofremos e, é isso que os heróis fazem espontaneamente, os artistas conscientemente, e todos os homens na medida de suas capacidades... O homem é sempre empenhado a construir, pela ficção, o que lhe falta de fato". (3)

Não é menos revelador que, na *Sociedade*, os poemas passam a ser um ato coletivo e lidos em voz alta pelos seus membros, devolvendo a poesia "à sua origem, ao que ela foi a princípio: palavra falada, compartilhada por um grupo". (4) Neste ato mágico e coletivo de ler poemas, revisitam, através do livro-guia da *Sociedade - Cinco Séculos de Verso*, diversos poetas de língua inglesa que possuíam um ideal comum: convocam para a exaltação da vida. São eles: Henry David Thoreau (Concord, Massachusetts, 1817 - 1862), poeta genial e autor de um breviário sobre o anarquismo pacífico que exerceu influência sobre o Mahatma Gandhi. Pertence a Thoreau um dos versos mais significativos para a temática do filme: "Fui à floresta porque queria viver profundamente... e sugar a essência da vida. Eliminar tudo que não era vida. E, não, ao morrer, descobrir que não vivi"; John Keats (Londres, 1795 - Roma, 1821), poeta lírico e representante do sentimentalismo romântico; Lord Alfred Tennyson (Somesby, Inglaterra, 1809 - Aldworth, 1892), sucessor de Keats e também poeta lírico; Percy Bysshe Shelley (Sussex, Inglaterra, 1792 - Golfo de Spazia, Itália, 1822), poeta romântico, cuja poesia, em grande parte, inspirou-se num entusiasmo pelas reformas políticas e sociais; e o homem que libertou o poema das amarras da métrica, o pai do verso livre, admirador de Tennyson, e autor de Folhas de Relva (*Leaves of Grass*), Walt Whitman (Long Island, New York, 1819 - Camden, New Jersey, 1892). Vale a pena citar que, apesar da contemporaneidade da mensagem do filme, todos os poetas citados morreram no século XIX.

*... Enquanto se fala,
o tempo foge,
corajoso: colhe o dia e não confia no amanhã

Os estudantes tocados pela poesia e partilhando de sentimentos que até então não haviam experimentado, encontram nos poemas um encorajamento para a busca de suas aspirações pessoais mais autênticas. Passam a agir como se estivessem recapturando sonhos extraviados.

Enquanto a câmera passeia pela poesia visual dos cenários naturais de Delaware, através das imagens captadas pela sensível fotografia de John Seale, o enredo desenrola-se pontuado sob o clima ameno da trilha sonora de Maurice Jarre. O filme é, à sua própria maneira, um poema. Poesia, drama, humor e tragédia coexistem, como na aventura humana. E os espectadores ao verem *Sociedade...* começam a se identificar com os personagens. Ficam vulneráveis. É inevitável. Durante os 129 minutos de projeção, o filme vai deixando uma chama: a vida deve ser vivida com idealismo, com amor, com as vivências das nossas vocações individuais. Com poesia, exaltando a vida, devemos viver, fazer das nossas vidas algo extraordinário.

Não sou de disfarçar meus sentimentos: ao terminar a projeção do filme, meus olhos estavam úmidos, não resistiram às lágrimas. Ainda emocionado, dirigi-me para a frente da sala e aguardei por alguns minutos, pela manifestação dos alunos. Surpreendi-me. A única coisa que pude ouvir, foi um denso silêncio. Mantive-me de pé à frente dos alunos à espera de comentários, indagações... dava-lhes tempo para que explorassem seus pensamentos. Mas, um cenário de silêncio permanecia, e cada vez mais potente. "Nada grita mais do que o silêncio" (Otto Lara Resende). Comecei a inquietar-me: o que haveria por detrás daquele silêncio? Sei que todo silêncio humano contém uma fala. O silêncio é uma metáfora, não uma lacuna sensorial. E aquele, seguramente, não era um silêncio povoado de vazios. Era um silêncio de inocentes, penetrando em suas dúvidas, esperanças, medos e possibilidades. Agora, no instante em que escrevo, ocorre-me uma imagem que talvez explique o que vivenciei naquele momento: depois da longa travessia de anos de estudos formais, os estudantes viram, através do filme, um novo mundo de possibilidades. Mas estavam confusos, perplexos, diante do espaço simbólico desse mar imenso de possibilidades. Eu estava vendo naufragos do descobrimento!

O requinte cênico da imagens e a força do conteúdo do filme deixaram o seu impacto. A experiência não fora inútil. Ao contrário, o curso que começara naquele dia, seria diferente... e foi. A ousadia fora recompensada.

Algum tempo depois, no dia 25 de julho de 1991, lendo o jornal Folha de São Paulo, um pequeno texto, encimado por uma foto do ator Robin Williams, prendeu-me a atenção:

O norte-americano John Campbell, 55, que inspirou o ator Robin Williams na criação do seu personagem de "Sociedade dos Poetas Mortos", foi demitido da escola onde lecionava há 28 anos. Para Campbell, a demissão é consequência de suas atitudes anti-convencionais.

O desfecho do filme encontrara-se com a vida real. Como não acredito em coincidências, constatei, mais uma vez, e não sem perplexidade, que a vida imita a arte.

Vou continuar projetando, como aula inaugural dos meus cursos, o filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, e reforça-me mais ainda esta decisão a redação que li recentemente de um jovem estudante de 14 anos que descreveu num trabalho escolar as suas impressões sobre

o filme. Num determinado momento da leitura, encontrei-me com esta frase: "... daqui em diante vou brigar pelos meus sonhos, e extrair a essência da vida lendo e escrevendo poemas".

Eu também. Enquanto carregar a convicção de que "o espírito é uma fúria, não um armazém".(5)

CARPE DIEM!

NOTAS DE REFERÊNCIA

01. VIDAL, GORE. De fato e de ficção: ensaios contra a corrente. São Paulo. Companhia das Letras. 1987.
02. PAZ, OCTAVIO. O Arco e a Lira. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1982.
03. ELLMANN, RICHARD. Ao longo do riocorrente: ensaios literários e bibliográficos. São Paulo. Companhia das Letras. 1991.
04. PAZ, OCTAVIO. Convergências: ensaios sobre arte e literatura. Rio de Janeiro: Rocco. 1991.
05. ELLMANN. op. cit, p. 44.

DUPLA HERANÇA IMPERIAL: A COMUNIDADE DE ESTADOS INDEPENDENTES

Pedro de Almeida Vasconcelos*

Quando pensamos na expansão colonial europeia, sobretudo neste ano de comemoração dos 500 anos da "descoberta" da América, a primeira idéia que surge é a da expansão capitalista comercial, iniciada por Portugal e Espanha, seguida pelos Países Baixos e pela Inglaterra, assim como, a da segunda expansão colonial imperialista no final do século XIX, gerada pelas necessidades do desenvolvimento industrial, que resultou numa nova divisão do Mundo, em que a partilha da África é a mais representativa desse novo reordenamento mundial.

Tendemos a esquecer, porém, das antigas formas de expansão imperial, a partir de expansão territorial contínua, que existiram desde a remota Antiguidade, como a do Império de Alexandre, em oposição aos persas; a do Império Romano, em conflito com cartagineses e do Império Bizantino em luta contra árabes e turcos. Esses impérios, tendo em vista as enormes extensões alcançadas e a sua conseqüente heterogeneidade interna, foram pouco a pouco desagregados: os últimos a serem desmembrados foram os impérios Austro-Húngaro e o Otomano, após a Primeira Guerra Mundial.

O Império Russo, cobrindo um espaço gigantesco em dois continentes, sobreviveu entretanto, inclusive após o desaparecimento das últimas colônias ultramarinas de alguma importância, ocorrido no período de descolonização e de independência política, deflagrada após o final da Segunda Guerra Mundial.

Como se deu esse processo e por que essas sobrevivências?

A expansão da grande nação russa se deu no seguinte contexto histórico: Ivã III, o Grande (1462-1584), teve um papel fundamental como unificador do Estado Russo em Moscou, cobrindo o vácuo deixado com a destruição do Estado de Kiev ("Kievan Rus") no século XIII, pelos mongóis. Ivan III casou-se com a herdeira dos imperadores bizantinos, uma década após a tomada de Bizâncio pelos turcos. Em 1480, liberou a Rússia da tutela tártara e em 1492 assumiu o título de "Tzar" (César), considerando-se herdeiro do Império Romano, e Moscou a "terceira Roma". Junte-se também, a herança da Igreja Ortodoxa Russa, ramo da Igreja Ortodoxa Grega, sediada em Bizâncio, atual Istambul.

As pré-condições de expansão do Estado Russo estavam criadas. Coincidentemente, como lembra Braudel, no mesmo período da expansão colonial ibérica: 1492, tomada de Granada dos mouros e "descoberta" da América.

Ivã IV, o Terrível (1533-1584), fazendo jus a seu sobrenome, e contando com novas armas (canhões), entre 1552 e 1556 conquista dos tártaros os Canatos de Kazan e Astracã, ampliando o território russo em direção ao sudeste, e passando a ter acesso ao mar Cáspio e as rotas do comércio com o Oriente, ao tempo que controlava o acesso ao rio Volga.

Consolidada a área russa europeia, as possibilidades de expansão mais fáceis eram para o leste, pois ao noroeste e oeste encontravam-se sólidos estados estabelecidos: a Suécia, a

*Professor Titular do Departamento de Geografia, do Instituto de Geociências da UFBA e Professor Permanente do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.

Lituânia e a Polônia; no sul dominavam o poderoso Império Otomano e o Estado Persa; e a sudeste encontrava-se o Império Chinês. Portanto, a grande planície da Sibéria, sem contar com estados organizados, oferecia-se como um verdadeiro "far-east" para os russos, pronta para ser invadida.

A conquista da Sibéria foi uma epopéia gigantesca, tendo em vista os meios da época, as condições naturais e sobretudo as distâncias percorridas. A forma encontrada pelo Estado Russo foi delegar esses territórios à família Stroganov, de comerciantes - numa forma semelhante às nossas capitanias hereditárias -, que contratou grupos de cossacos para a realização da enorme tarefa. A conquista se deu através da implantação de pequenos fortes, mas ao contrário da expansão americana, não eliminou a dispersa população local, que apenas passou a pagar tributos em peles, aos novos invasores. A velocidade da conquista foi muito grande: iniciada em 1581 (contraditoriamente, ano em que os servos russos não poderiam mais se deslocar), em 1619 os cossacos já atingiam o rio Ienissei. Em 1632 fundam um forte em Yakutsk, no rio Lena. Em 1639 chegam ao Pacífico e em 1649 fundam Anadir, no mar de Bering. Em 1699, a península de Kamtchatka, no extremo oriente, é anexada. Encontrando outro estado organizado, os russos assinam tratados com os chineses sobre as fronteiras na região do rio Amur em 1689 e 1727, mas já no primeiro tratado os chineses cedem a região da Buriátia, no norte da Mongólia. O avanço, nesta direção, se concluirá com a anexação do Alasca, já no continente americano, em 1791.

Enquanto alguns cossacos conquistavam para a Rússia, a gigantesca Sibéria, no lado ocidental, os cossacos que viviam em semi-liberdade no sul da Polônia, pedem, em 1652, proteção ao soberano russo, contra as tentativas de controle do Estado polaco. Em 1654 o governo russo declara guerra à Polônia, e pelo tratado de 1667 recebe a Ucrânia Oriental, até o rio Dnieper.

Pedro, o Grande (1689-1725) teve um papel importante para a modernização da Rússia, tendo viajado pela Europa Ocidental, tinha consciência do atraso russo. Nesse sentido, ele procurou abrir uma "janela" para o Ocidente, fundando a cidade de São Petersburgo em 1703, e transfere a capital para essa cidade nova, que permitia acesso ao mar Báltico, ou seja, uma opção de se voltar para o Ocidente. O resultado de suas ações foi tornar a Rússia uma potência europeia. Outra conseqüência dessa expansão em direção ao noroeste foi a guerra contra a Suécia e a conquista da Estônia e da Livônia, e de parte da Finlândia, em 1721. Apesar dessa opção, ao mesmo tempo, as primeiras tentativas de expansão em direção à Ásia Central são realizadas: entre 1717/1839 várias expedições são enviadas contra o Canato Usbeque de Khiva, na atual Turcomênia; entre 1716/1735 é construída uma série de fortes ao norte do Cazaquistão e entre 1731/1742 as três Ordas que controlavam esse território pedem a proteção russa, temendo os ataques dos mongóis oirats, que viviam à leste. Ainda no reinado de Pedro, o Grande, foram também iniciadas incursões em direção ao sul: em 1735 Baku é ocupada, mas é retomada pelos persas. Em 1739 o porto de Azov é conquistado aos turcos, permitindo o acesso ao mar Negro. Em 1774 a Moldávia pede proteção russa ao tempo que continua suserana à Turquia. Em 1783 a Criméia é tomada aos turcos e no mesmo ano a Geórgia pede proteção russa, temendo a expansão islâmica, tornando-se suserana. Conseqüência: em 1785, o norte do Cáucaso torna-se província russa e em 1801 o reino da Geórgia é anexado. Essas conquistas não ocorrem sem resistências: as tribos montanhesas do Cáucaso se rebelam entre 1804 e 1810.

Os eventos na Polônia vão permitir nova expansão, mais uma vez em direção ao noroeste e ao oeste. Com a primeira partilha da Polónia, em 1772, a Rússia recebe a parte oriental da

Bielorrússia. Em 1793, com a segunda partilha, recebe a Ucrânia Ocidental e parte Central da Bielorrússia, e em 1795, na terceira partilha, além da parte ocidental da Bielorrússia, a Rússia recebe também a Letônia e a Lituânia. Em 1808, a Rússia invade a Finlândia, que é cedida pela Suécia no ano seguinte.

Em 1812 ocorre a invasão napoleônica, o que não impede a continuação do processo de expansão russa: no sul, a Moldávia é tomada, e no ano seguinte a Pérsia é forçada a ceder o norte do Azerbaijão, incluindo Baku e o Daguestão. Em 1828 a Pérsia cede Nakhichevan também no Azerbaijão, e a província de Erivan, na Armênia. Em 1829 a Turquia cede territórios na Armênia aos russos.

Na Ásia central, a "proteção" russa não parece bem vista: rebeliões contra os russos ocorrem no Cazaquistão entre 1792/1797. A Rússia suprime então a Orda Média (1822), a Pequena Orda (1824) e em seguida a outro movimento de resistência, entre 1837/1847, a Grande Orda é suprimida (1848). Em 1854, sob reinado de Alexandre II, a fortaleza imperial de Vemy é construída no sítio da futura Alma-Atá, no Cazaquistão. Em 1855, nova ofensiva russa na Ásia Central: o forte Al-Mechet, no Canato de Kokand (Usbequistão) é conquistado; 1862, tomada do forte Pishpek, no atual Quirguistão; 1864, ataque ao Canato de Kokand. A cidade murada de Tachkent é tomada em 1866. O Canato usbeque de Bukhara torna-se suzerano em 1868. Em 1869, expedição militar funda o porto de Krasnovodsk no Cáspio, na atual Turcomênia. Em 1873 o Canato usbeque de Khiva é invadido (atual Turcomênia), tornando-se suzerano. Novas reações ocorrem: em 1875 a rebelião em Kokand é reprimida e o Canato é anexado no ano seguinte. Em 1881, revolta na Turcomênia é vencida, com a batalha de Geok-Tepe. Em 1893 o Pamir é completamente ocupado, assim como o sul da Turcomênia. A expansão nessa direção só será contida com os acordos anglo-russos de 1895, que estabelecem a fronteira russo-afegã, e os de 1907, que dividem a Pérsia em áreas de influência das duas potências (o norte para os russos), e o Afeganistão, totalmente sob a influência britânica.

No extremo oriente, a China cede territórios no rio Amur, em 1855, assim como províncias costeiras em 1860, o que permite aos russos construir o porto de Vladivostok, e sua base militar, no mesmo ano. Os russos começam a chegar na Sacalina em 1853. Em 1855 um acordo divide o controle da ilha com o Japão. Em 1875 a Sacalina é trocada pelas ilhas Curilas, que ficam com o Japão. Em 1867 o Alasca é vendido aos Estados Unidos, o primeiro recuo da expansão russa. A derrota militar junto ao Japão, na guerra de 1904/1905, obriga a Rússia a ceder o sul da Sacalina.

A Guerra da Criméia (1853-1856) não modifica o quadro territorial, mas as potências ocidentais procuram conter o poderio russo. No Cáucaso, uma grande rebelião é dominada em 1864, mas 400 mil circasianos preferem abandonar a Geórgia em direção ao Império Otomano, que ficou sob o domínio russo. Em 1878, a Turquia sendo derrotada, libera o sul da Geórgia.

Com a construção da ferrovia Transiberiana (1891/1904) a colonização da Sibéria se dará de forma mais sistemática: não há mais servidão (abolida em 1861), e as terras não serão divididas em grandes propriedades. Mas essa expansão, agora sob a forma de colonização de povoamento, encontra resistências, sobretudo na Ásia Central: em 1916 há uma grande rebelião no Cazaquistão contra a expropriação de terras e o alistamento militar. Trezentos mil cazaques refugiam-se na China. O mesmo ocorre no Quirguistão, com uma rebelião contra a ocupação das melhores terras pelos russos, resultando em quase um terço da população procurando refúgio na China. A Turcomênia, que teve seu Canato extinto em

1912, rebela-se também em 1916, ocorrendo massacre de colonos russos.

A revolução soviética de 1917 herdará assim, um gigantesco império, que vai da Finlândia ao Mar Negro, da Ucrânia ao extremo oriente, império ainda não consolidado, reunindo povos indo-europeus (eslavos, bálticos, romenos, armênios, iranianos), caucásianos, turco-tártaros, mongóis, além de outras minorias; que seguiam religiões diversas (dos luteranos estonianos, aos ortodoxos eslavos e muçulmanos da Ásia Central); parte sob impacto do desenvolvimento industrial, no ocidente, uma grande maioria camponesa, além de povos pastores nômades. Portanto grande heterogeneidade, mas nenhuma descontinuidade territorial.

Tendo a revolução ocorrido em plena guerra de 1914/1918, com o cessar fogo com a Alemanha (1918) e com o início da Guerra Civil (1918/1921), inicia-se o processo de desagregação do império: proclamação da independência da Finlândia e da Estônia em 1917; da Letônia, Lituânia, Ucrânia, Geórgia, Armênia, Azerbaijão em 1918. Governos nacionalistas controlam o Cazaquistão em 1917 e a Turcomênia em 1918, e governo muçulmano é instalado no Usbequistão em 1917. A Moldávia une-se à Romênia em 1918. O Japão ocupa a Sacalina e parte do Extremo Oriente entre 1918 e 1924.

Na Ásia Central, em 1918, os russos derrubam o governo muçulmano no Usbequistão, mas começa a grande revolta Basmachi. Em 1920, o exército russo recupera o Cazaquistão, todo o Usbequistão e a Turcomênia. Em 1921 ocupam Dushambé, no atual Tadjiquistão. No Oeste, em 1919, a Ucrânia é retomada pelas tropas soviéticas, e a Bielorrússia é disputada entre os russos e as tropas polonesas e brancas. Os países bálticos, entretanto, conseguem se liberar da tutela russa. Em 1921, a Bielorrússia é dividida com a Polônia, e a Ucrânia é mais uma vez retomada da Polônia e das tropas brancas, que a tinham ocupado no ano anterior. No Cáucaso, o Azerbaijão é recuperado em 1920, e a Armênia estabelece um governo revolucionário. Em 1921, o exército russo é vitorioso na Geórgia.

Com a criação da União Soviética em 1922, os soviéticos contabilizavam a perda da Finlândia, dos estados bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia), de metade da Bielorrússia e a Moldávia, mas conseguem recuperar a rica Ucrânia, o Cáucaso, a gigantesca Ásia Central, lutando contra tropas brancas e estrangeiras invasoras.

Após a guerra civil, na Ásia Central a rebelião Basmachi continua, agora no atual Tadjiquistão, só sendo vencida em 1931. A República do Turquestão, criada em 1918, é extinta em 1924, sendo criadas as Repúblicas Soviéticas da Turcomênia e do Usbequistão no mesmo ano, seguida pela criação da República do Tadjiquistão em 1929, do Cazaquistão em 1936, assim como a do Quirguistão, dando conformidade atual à Ásia Central. O mesmo reordenamento ocorre no Cáucaso: a República da Transcaucásia, criada em 1922, é extinta em 1936, desmembrando-se novamente em Geórgia, Armênia e Azerbaijão.

Com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, e com a assinatura do acordo secreto germano-soviético de 1939, os soviéticos retomam a Bielorrússia Ocidental da Polônia, os Países Bálticos são invadidos, a Moldávia é retomada da Romênia, voltando, portanto, às fronteiras do período czarista, salvo a Finlândia, que resistiu à invasão e assina acordo de paz em 1940. Entre 1941/1944 há nova guerra russo-finlandesa, que é concluída com a independência da Finlândia e com um pagamento por parte desse país, de pesada indenização à U.R.S.S..

Entre 1939/1941 são deportados bálticos, ucranianos, bielorrussos e bessarábios para a Sibéria e Ásia Central.

Com a invasão alemã de 1941, a Romênia recupera a Moldávia, que só será retomada

pelos soviéticos em 1944. Os alemães do Volga são deportados para a Quirguízia e sua república autônoma é extinta. Entre 1943/1944 são deportados para a Ásia Central, os tártaros da Criméia (280.000), os caracháis, os tchechenos-inguchétios, os balcários, os calmucos, os armênios, os mulçumanos da Geórgia, assim como gregos, curdos e turcos, povos sobretudo do Cáucaso. Em 1944 a Tuva, no norte da Mongólia, é anexada, tendo sido parte da China até 1911, e protetorado em 1914.

Com a vitória soviética na Segunda Guerra Mundial, novo reordenamento é realizado: a população polonesa é repatriada da Bielorrússia, enquanto a Polônia recebe territórios alemães. A U.R.S.S. anexa parte da Prússia Oriental, que pertencia à Alemanha, e anexa a Sacalina e as Curilas, repatriando a população japonesa. A Ucrânia receberá territórios da Polônia, da Checoslováquia e da Romênia. Entre 1948/1949 bálticos e moldavos ainda serão deportados para Ásia Central e Sibéria.

A União Soviética tinha assim recuperado suas fronteiras durante o período 1944/1945, com exceção da Finlândia e, a partir de 1945/1949 amplia sua área de influência na Europa Oriental, com o estabelecimento das "Democracias Populares".

As aberturas políticas e o fracasso econômico do período Gorbachev, levaram ao agravamento da questão das nacionalidades e das minorias étnicas, que vieram acelerar a desagregação da União Soviética, iniciada com as proclamações das independências dos Estados Bálticos em 1990, e seu reconhecimento pela U.R.S.S. em 1991, e com a extinção da União em dezembro do mesmo ano, através da criação da ainda instável Comunidade de Estados Independentes - C.E.I.

Podemos concluir que a questão colonial pode ser colocada no caso da expansão russa e na consolidação dessa expansão pelos soviéticos. Enquanto no caso da Rússia europeia, a incorporação de outras nações eslavas poderia ainda ser considerada como resultado da consolidação do estado russo, nos casos da Sibéria, do Cáucaso e da Ásia Central, a expansão foi, de fato, colonial, e quando encontrou resistência, ela foi dobrada pelo uso da força, e povos não ocidentais, com cultura, tradições, crenças, organização social e econômicas diferentes foram transformados através da incorporação ao Estado russo.

A ocupação das melhores terras agrícolas por colonos, a exploração mineral e agrícola e a primeira divisão de trabalho, foram reforçadas pelos soviéticos, agora sob a égide do planejamento centralizado, o que resultou na consolidação de economias baseadas na monocultura, outras em exportadoras de matérias-primas, além das radicais transformações sociais: povos nômades transformados em agricultores sedentarizados, coletivização da agricultura, sem mencionar a deportação de povos e a utilização de territórios longínquos como locais de prisão de oponentes ao regime.

Os benefícios aportados pela modernização, como a industrialização rápida, a irrigação, as conquistas educacionais, como a alfabetização em massa de povos iletrados, alguns sem escrita, a melhoria das condições de saúde, a independência feminina etc., perdem muito do seu impacto pela forma impositiva em que se deram essas transformações.

Esse rápido resumo histórico pode nos ajudar a entender a heterogeneidade atual dos Estados da C.E.I., a gravidade das questões nacionais e étnicas, que resultaram no rompimento de uma série de independências políticas, agora com o frágil vínculo da nova Comunidade, que continua sob conflitos étnicos e na ameaça de independências de sub-grupos e minorias nacionais.

A seguir, é apresentado um rápido perfil de cada uma das repúblicas da C.E.I., a partir das informações coletadas nas várias fontes disponíveis.

A RÚSSIA

Embora a República Russa seja o centro da expansão histórica dos povos russos, no seu território europeu de 4.300.000 km² e povoado por 107,7 milhões de habitantes, e apesar da maioria absoluta de russos (82%), sobrevivem minorias localizadas em territórios de dimensões variadas, que foram agrupados em dois tipos de divisão administrativa:

1) AS REPÚBLICAS AUTÔNOMAS

- 1) da Carélia: com 172.400 km², vizinha da Finlândia, com 759 mil habitantes, sendo 70% russos. Os carélios (11%) falam língua do grupo finês. A capital é Petrozavodsk e o porto de Murmansk também se situa nessa república, assim como no canal Mar Branco-Báltico, de 227 km.
- 2) dos Comis (ou Komi): a mais extensa, com 415.900 km², situada no nordeste da Rússia europeia, tem 1.180.000 habitantes, sendo em sua maioria russos. Os comis são de língua do grupo finês. Capital: Siktivkar.
- 3) de Mordóvia: com 26.200 km², fica na região do Volga, com 973 mil habitantes, sendo 60% russos. Os mordóvios são 35% e falam língua do grupo finês. Capital: Saransk.
- 4) dos Máris (ou Mári): com 23.200 km², também no Volga, tem 719 mil habitantes, a maioria russa e mári. Os máris falam língua do grupo finês. A capital é Yoshkar-Olá.
- 5) da Udmúrtia: com 42.100 km², no Volga, com 1.587.000 habitantes, em maioria russos e udmúrtios. Os udmúrtios são também do grupo lingüístico finês. Capital Ijevsk.
- 6) da Chuváquia: com 18.300 km², no Volga, com 1.312.000 habitantes. Os chuváquios são 70% dos habitantes e falam língua turca, porém são cristãos ortodoxos. Capital: Cheboksáry.
- 7) da Tartária (ou Tartarstão): com 68.000 km², tem 3.745.000 habitantes, sendo 50% tártaros, povo de língua turca, muçulmanos sunitas. É situado no Volga e a capital é a importante cidade de Kazan. Pretendem maior autonomia.
- 8) da Basquíria: 143.600 km², no Volga com 3.850.000 habitantes, principalmente russos, tártaros e basquírios. Os basquírios são povos de língua turca. Capital: Ufá.
- 9) dos Calmucos: com 75.900 km², a noroeste do mar Cáspio, com 310 mil habitantes. Os calmucos eram 147.000 no total da ex-URSS. Povo de língua mongol e de religião budista. Capital: Elista.
- 10) de Cabardino-Balcária: com 12.500 km², no Cáucaso, com 715.000 habitantes. Os cabardinos são de língua caucásica e muçulmanos em sua maioria. Os balcários viviam nas altas montanhas. Capital: Nálchik.
- 11) da Ossétia do Norte: com 8.000 km², no Cáucaso, com 608.000 habitantes, na maioria ossétios e russos. Os ossétios falam língua iraniana e estão separados dos que habitam na Ossétia do Sul, na Geórgia. Capital: Ordjonikdze.
- 12) de Tchecheno-Inguchétia: com 19.300 km², no Cáucaso, com 1.193.000 habitantes, os tchechenos e os inguchétios são 60% da população e os russos 35%. Falam línguas do grupo caucásico e são muçulmanos. A capital é Grozni. Declarou independência.

- 13) do Daguestão: com 50.300 km², está situado no leste do Cáucaso, junto ao mar Cáspio. Com 1.737.000 habitantes, agrupa 30 grupos étnicos, com língua caucasianas, turcas e iranianas. Capital: Makhachkalá.

II) AS REGIÕES AUTÔNOMAS

- 1) dos Adigueus: com 7.600 km², ao norte do Cáucaso, com 413.000 habitantes, dos quais 20% adigueus, de língua caucasiana e de religião muçulmana. Capital: Maikop.
- 2) dos Caracháis: com 14.100 km², também no Cáucaso, com 380.000 habitantes, na maioria russos e apenas um terço de caracháis, que são de língua turca. Capital: Cherkessk.

Apesar da maioria russa em várias dessas repúblicas e regiões autônomas, esses povos não-russos e o território ocupado são significativos, o que corresponde a uma herança do passado que não desapareceu, nem com as tentativas de "russificação", nem durante o período soviético.

A SIBÉRIA (E O EXTREMO ORIENTE)

Pertencendo à atual República Russa, a gigantesca Sibéria (juntamente com o extremo Oriente), é o resultado de uma expansão de colonização européia, como a América do Norte. Tem 12,8 milhões de quilômetros quadrados, correspondendo a 75% da República Russa, maior do que qualquer estado independente do Mundo, tem apenas cerca de 40 milhões de habitantes, o que resulta numa densidade de 3 habs./km². A maioria da população é russa, e no Extremo Oriente ela é multinacional. Há carência de mão-de-obra, e os salários eram mais elevados. A população urbana é de 67%, e no Extremo Oriente alcança a 75%.

A Sibéria é composta por diversas faixas ecológicas de norte à sul: desertos árticos, com neves e geleiras permanentes; tundras, com musgos, líquens e arbustos e com o sub-solo gelado; a zona de florestas, destacando-se a gigantesca taigá, de coníferas, que corresponde a 1/4 das florestas do Globo; e as estepes, no sudoeste.

A Sibéria é muito rica em recursos naturais: abriga cerca de 90% do carvão; de 70 a 90% dos minerais não ferrosos; 67% das áreas florestais; 88% dos recursos energéticos, incluindo o grosso das reservas de petróleo e 3/4 do gás natural da ex-U.R.S.S..

Devido a sua dimensão, é dividida em três partes:

- 1) A SIBÉRIA OCIDENTAL: com 2,4 milhões de quilômetros quadrados e 13 milhões de habitantes em 1975, conta com importantes cidades, como Novossibirsk, com 1,4 milhões de habitantes, fundada em 1903, entre a ferrovia transiberiana e o rio Ob, e tem como cidade satélite Akademgorodok, que registra uma das maiores concentrações de cientistas da ex-U.R.S.S.. Outra importante cidade é Omsk, com 1,1 milhão de habitantes, fundada no rio Irtych em 1782.

Região de planície, com grande concentração de florestas, é a principal reserva petrolífera da Rússia, junto com a região do Volga-Urais. Produz 60% da turfa da ex-U.R.S.S. e está localizado nessa região o gigantesco combinado do Ural-Kuznetsk, que produz carvão-ferro-aço.

- 2) A SIBÉRIA ORIENTAL: com 4 milhões de quilômetros quadrados, grande como a Europa Ocidental, tinha 7,8 milhões de habitantes em 1975. A maior cidade é Krasnoiarsk, fundada em 1628 às margens do rio Ienissei, com 900 mil habitantes. Com condições climáticas severas, relevo montanhoso e solo permanentemente gelado e é de difícil acesso. Possui 1/3 dos recursos energéticos da ex-U.R.S.S. e algumas das mais potentes centrais hidrelétricas do Mundo, como a de Krasnoiarsk, no rio Ienissei e a de Bratsk, no rio Angará. Cerca de 45% das reservas de carvão da ex-U.R.S.S. estão contidas no seu território, e tem a maior reserva de madeiras da ex-U.R.S.S.. A gigantesca ferrovia B.A.M., ligando o rio Amur ao lago Baikal e ao rio Lena, com 3.200 km., foi concluída em 1980. O lago Baikal possui 20% das reservas mundiais de água doce. Mas a agricultura é difícil: apenas 20 milhões de hectares são cultivados nesse gigantesco território.
- 3) O EXTREMO ORIENTE: a maior das três regiões, com 6,2 milhões de quilômetros quadrados, tinha apenas 7,5 milhões de habitantes em 1985. Equivalente a uma densidade de 1 hab/km². A principal cidade é Vladivostock, fundada em 1860, maior porto russo no Pacífico, e terminal da Transiberiana, com 900 mil habitantes. Ainda pouco explorada, a região possui relevo montanhoso e florestas em abundância. Produz ouro e diamantes e 1/3 da pesca da ex-U.R.S.S., sendo ainda fornecedor da tradicional produção de peles raras. Está voltada ao transporte marítimo com o Pacífico, e tende a aumentar os vínculos econômicos com o Japão, que já ocupou a área no período da Guerra Civil (1918-1921).

Além dessas regiões, a Sibéria conta com três Repúblicas Autônomas:

- 1) dos Tuvas: com 170.500 km², ao norte da Mongólia, com 289.000 habitantes, dos quais 3/5 são tuvas, seguidos pelos russos. Os tuvas falam uma língua turca, com influências mongóis. Outros tuvas estão na Mongólia. A capital é Kyzil.
- 2) da Buriátia: com 351.300 km², situada ao sul e a leste do lago Baikal, ao norte da Mongólia. Tem 970.000 habitantes, os russos são a maioria e os buriates 23%. Os buriates falam uma língua mongol. A capital é Ulan-Udé.
- 3) de Iacútia: com 3.103.200 km², no norte da Sibéria, na bacia do rio Lena, é maior do que qualquer república independente da C.E.I., após a Rússia. Tem apenas 944.000 habitantes, dos quais os russos são 50%. Os iacutes são 37% da população e falam uma língua turca, mas são um povo mongol. Capital: Yakutsk.

A Sibéria conta também com três Regiões Autônomas:

- 1) do Alto Altai (ou Gorni-Altai): com 92.600 km², ao norte da Mongólia, com 177.000 habitantes, sendo 2/3 russos. Os altai são um povo mongol (Oyrat). Capital: Gorno-Altai.
- 2) da Khakássia: com 61.000 km², na região ao norte da Mongólia, ao nordeste do Alto-Altai, tem 523.000 habitantes, sendo os russos 80%. Os Khakas ou Hakas (12%) são um povo de língua turca. Capital: Abakan.
- 3) do Birobidjão (ou Yevreskaya): com 36.000 km², na região do rio Amur, no Extremo Oriente, com 200.000 habitantes. Foi planejada para os judeus soviéticos, mas sendo apenas 5%, os russos e ucranianos os superam em muito. Capital: Birobidjão.

A UCRÂNIA

Após a República Russa, a Ucrânia, com 600.000 km², é a maior república europeia da C.E.I., e a segunda mais povoada, com quase 52 milhões de habitantes, o que a coloca como mais extensa do que qualquer Estado da Europa Ocidental, e com uma população equivalente a da França.

Por outro lado, a república não é totalmente homogênea, tendo em vista que os ucranianos são 74% dos habitantes e os russos formam uma importante minoria de 21%. Os ucranianos são ainda divididos do ponto de vista religioso: a Igreja Uniata é majoritária na parte ocidental ("Católicos do Leste"), enquanto que a Ortodoxa domina na parte oriental, o que tem a ver com as divisões históricas, devido ao domínio da católica Polônia por maior tempo, no lado ocidental.

Kiev, sua capital, com 2,5 milhões de habitantes, foi fundada no século IX, na ligação Constantinopla/Escandinávia, e foi em grande parte destruída durante a Segunda Guerra Mundial. A usina nuclear de Chernobyl está situada a uns 130 km ao norte de Kiev.

A Ucrânia conta com um Produto Material Líquido de cerca de 240 bilhões de dólares, o que daria um rendimento per capita de 4.700 dólares em 1989, quase duas vezes o rendimento brasileiro médio, apesar das dificuldades de comparar economias diferentes, sem contar os preços subsidiados que dominavam a economia.

Com 18% da população, ela representava 20% da produção industrial e agrícola da ex-U.R.S.S.. Possui a primeira base metalúrgica (40% do aço) e de carvão da ex-U.R.S.S., assim como a maior jazida de manganês. Produz também navios, aviões, automóveis, locomotivas, máquinas agrícolas e televisores, ou seja uma indústria bastante diversificada.

Tem a tradição de ceireiro de trigo da ex-U.R.S.S., produzindo 1/4 dos grãos, e era a maior produtora de trigo de inverno, de milho (2/3 da produção) e de beterraba (60% da produção de açúcar), em suas planícies de terras negras.

Seu peso específico, sua posição geográfica, com acesso ao Mar Negro, conseqüentemente ao Mediterrâneo, permitem a previsão, juntamente com outros fatores, de uma real viabilidade como um estado nacional importante no leste europeu.

A BIELORRÚSSIA (OU BIELARUS)

A Bielorrússia tem alguns traços comuns com a outra república eslava da Ucrânia, sobretudo o fato de ter sido dividida no passado e ter pertencido a outros Estados (Polônia e Lituânia), o que resulta numa maioria da população de religião ortodoxa e uma minoria católica. Com 208.000 km², tem a dimensão do Reino Unido, mas uma população de apenas 10 milhões de habitantes, equivalente a de Portugal, sendo que 78% são bielorrussos, e 13% são russos. Sua Capital, Minsk, com 1,6 milhões de habitantes, fundada em 1067, foi arruinada durante a primeira e segunda guerras mundiais.

A reduzida população da república é em parte conseqüência das perdas da segunda guerra, onde mais de 2 milhões foram mortos, e em parte devido as dificuldades do território, onde 1/3 é pantanoso, ao sul, com mais de 3.000 lagos, e 1/3 é coberto por florestas.

O Produto Material Líquido da Bielorrússia é de cerca de 61 bilhões de dólares, próximo do P.I.B. argentino, originário em 60% dos rendimentos da indústria. Esse P.M.L. resulta num rendimento médio de quase 6.000 dólares por habitante, o mais elevado das repúblicas da C.E.I., superior ao da Coréia do Sul, por exemplo.

A república era especializada na construção de máquinas e na indústria química: produzia tratores, caminhões basculantes e máquinas agrícolas, assim como televisores e computadores, o que mostra a variedade de produtos fabricados. Produzia também 40% dos fertilizantes potássicos da ex-U.R.S.S..

Apesar de apenas 1/3 do território ser cultivado, devido às condições naturais, a Bielorrússia produzia 25% do linho, e 15% da batata da ex-U.R.S.S..

Por outro lado, a gigantesca dívida externa de 50 bilhões de dólares pesa sobre o futuro dessa república interior, mas que possui bastante afinidades com as vizinhas Polônia e Lituânia, o que poderá levar a uma maior integração fora da Comunidade de Estados Independentes.

A MOLDOVA (EX-MOLDÁVIA)

A pequena República Moldova, com 33.700 km², um pouco maior que a Bélgica, tem apenas 4,3 milhões de habitantes, o que dá a maior densidade das repúblicas da C.E.I. (128 habs./km²), sendo que 64% são moldovos, e com a importante minoria de ucranianos (14%) e russos (13%). É mais o resultado das disputas territoriais entre a Romênia e a ex-U.R.S.S., tendo em vista que a população majoritária tem grande afinidade cultural, porém não econômica, com a vizinha Romênia: mesma língua, do grupo latino, e até bandeira semelhante. A Romênia foi o primeiro estado a reconhecer a independência da Moldova em 1991. Faz também fronteira com a Ucrânia e não tem saída para o Mar Negro, pois a Bessarábia ficou pertencendo à República da Ucrânia.

Seu relevo é em planície, e 60% do território é formado por campos cultivados, em terras férteis, que a transformaram numa "República Jardim", devido a produção de pomares e flores, além da agricultura mecanizada para a produção de cereais.

O P.N.B. é de apenas 16,7 bilhões de dólares, equivalente portanto ao de Cuba, o que resulta num rendimento per capita de 3.850 dólares, metade do da vizinha Romênia. A Moldova foi especializada na indústria alimentar: produz vinhos, conservas, fumo e açúcar. Mas produz também tratores, geladeiras e máquinas de lavar. Sua produção industrial aumentou 25 vezes entre o período de 1940 e 1970. A capital Chisnav, teve seu nome latinizado, abandonando a denominação Kichiniov. Com 665.000 habitantes, foi fundada em 1466, tendo sido bastante danificada na Segunda Guerra Mundial.

O destino da Moldova poderá, portanto, ser o de união com a vizinha Romênia, apesar da oposição das minorias.

Na região do Cáucaso estão situadas três pequenas repúblicas: Geórgia, Armênia e Azerbaidjão.

A GEÓRGIA

A Geórgia, antiga Cólquida, tem quase 70.000 km², e uma população de 5,4 milhões de habitantes. Desta população, os georgianos são 69% e os armênios 7%. Os georgianos são um dos povos mais antigos do Mundo, resultado da fusão de vários povos locais. Têm língua caucasiana e não usam o alfabeto cirílico, como os russos. A Igreja Ortodoxa Georgiana é um ramo da Igreja Ortodoxa, e o cristianismo foi adotado na região desde o

século IV. Sua capital é Tbilissi, com 1.260.000 habitantes, foi fundada em 458. Situada na cadeia de Cáucaso, tem 85% do seu território formado por montanhas, e as florestas ocupam 39% da área da República.

O P.N.B. da Geórgia é de 24 bilhões de dólares, um pouco inferior ao da Hungria, que tem o dobro de habitantes. O rendimento per capita, de 4.410 dólares é o quinto da C.E.I., três vezes superior ao da vizinha Turquia. A indústria alimentar é a mais importante, sobretudo apoiada nas culturas sub-tropicais, únicas na ex-U.R.S.S., como o cultivo do chá (95% da produção da ex-U.R.S.S.), de cítricos e fumo. Mas produz também materiais pesados como locomotivas elétricas, automóveis, máquinas agrícolas e caminhões.

A Geórgia conta com três enclaves internos:

- 1) a República Autônoma da Abkházia, com 8.600 km², com fronteira com a Rússia e o Mar Negro, ao noroeste, com 513.000 habitantes, sendo os georgianos 44%, e os abkhazes 1/6 da população. Os abkhazes falam uma língua caucasiana, mas são muçulmanos. A capital é Sukhumi.
- 2) a República Autônoma da Adjária, com 3.000 km², faz fronteira com a Turquia e o Mar Negro. Com 375.000 habitantes, na maioria georgianos. Os adjários são georgianos islamizados. A capital é Batúmi.
- 3) a Região Autônoma da Ossétia do Sul, com 3.900 km², no interior do país, limitado ao norte com a Ossétia do Norte, na Rússia. Com 98 mil habitantes, 2/3 ossétios e falam uma língua iraniana. A capital é Tshinváli.

Apesar desses enclaves internos, parece ser a mais consolidada república do Cáucaso, contando com longa tradição histórica como estado nacional. A Geórgia, devido a instabilidade política interna, não integrou-se, de início, à Comunidade de Estados Independentes.

A ARMÊNIA

É a menor das repúblicas da C.E.I., com apenas 29.800 km², com território inferior ao da Bélgica, e com a menor população da Comunidade: 3,3 milhões de habitantes. O povo armênio, que tem mais de três mil anos, foi massacrado pelos turcos: entre 600.000 a 1 milhão de armênios foram mortos em 1915, num exílio forçado de 1.750.000, transferidos da região fronteira do Cáucaso para a Síria e a Mesopotâmia. No território da República eles são 89% da população, a percentagem mais elevada da C.E.I., e contam com uma minoria de 6% de Azeris. Outra concentração de armênios está em Nagorno-Karabach, no vizinho Azerbaidjão.

A língua é indo-européia, possuindo alfabeto próprio, e a Igreja é dividida em Armênia Apostólica (Ortodoxa) e Armênia Católica. O cristianismo foi implantado na Armênia desde o ano 300. A capital, Erevan, fundada em 783, tinha apenas 30.000 habitantes em 1914. Em 1989 a população era de 1,2 milhões de habitantes, e concentra 50% da produção industrial da república.

Situada num alto planalto de 1.500 a 3.000 metros, a Armênia tem 90% do território montanhoso e não tem acesso ao mar.

O P.N.B. de 15,5 bilhões de dólares é superior ao da Síria. O rendimento por habitante, de 4.710 dólares, é o mais alto das repúblicas do Cáucaso, e quase o dobro do rendimento médio brasileiro. A indústria conta hoje com 73% da economia, destacando-se a metalurgia

do cobre, a indústria química e a construção mecânica. A viticultura é a principal produção agrícola. A fruticultura também é importante, em terras agrícolas irrigadas na planície do Ararat.

As questões étnicas e nacionais são portanto as mais importantes para a Armênia, sobretudo seus conflitos com os Azeris, do que as questões econômicas, tendo sido a república que teve o mais rápido crescimento industrial da ex-U.R.S.S. (201 vezes durante o período soviético).

O AZERBAIDJÃO

A maior e mais povoada república do Cáucaso, com 86.600 km², e 7 milhões de habitantes, tem a maioria da população (78%) composta de azeris, povo muçulmano, étnicamente e lingüísticamente próximo dos turcos. As minorias são formadas por russos e armênios, com 8% cada.

A capital é Baku, com 1.760.000 habitantes, maior cidade do Cáucaso e principal porto do Mar Cáspio. A 100 km de Baku foi construída uma cidade sobre pilotis, no Cáspio (Neftianye Kamni) para exploração petrolífera. A república é também montanhosa, mas conta com 40% de planície, onde produzem algodão (9% da produção da ex-U.R.S.S.), fumo, vinha. O caviar é uma produção tradicional do país.

O P.N.B. é o mais elevado do Cáucaso, de 27 bilhões de dólares, mas como rendimento per capita é o mais baixo das três repúblicas: 3.750 dólares. A principal produção é a de petróleo de alta qualidade, e de gás, embora as reservas estejam em redução, necessitando extração em poços de grande profundidade (5.000 metros) assim como no Mar Cáspio. A indústria está vinculada ao petróleo: refinarias, indústrias química e mecânica.

Embora etnicamente próximo dos turcos, a principal fronteira do Azerbaidjão é com o Irã, em cujo território há uma província com o mesmo nome, com uma população de 3 milhões de azeris. Ao contrário das repúblicas da Ásia Central, os azeris são muçulmanos xiitas, como os vizinhos do Irã.

Faz parte do Azerbaidjão o enclave do Nakhitchevã, como República Autônoma, com 5.500 km², e 278.000 habitantes, com 85% de azeris, fazendo fronteira com a Turquia e Irã, e fica separado do Azerbaidjão pela Armênia. A capital tem o mesmo nome.

O outro enclave é mais problemático: a Região Autônoma de Nagorno-Karabach, com 4.400 km², e 168.000 habitantes, dos quais 80% são Armênios. Sua capital é Stepanakert.

O maior problema desta república, portanto, é o enclave de Nagorno-Karabach, que junta-se à separação física do enclave de Nakhitchevã, onde os seus habitantes ficam separados da parte principal do Azerbaidjão. Os vínculos com a Turquia deverão ser ampliados e reivindicações junto ao Irã não são improváveis, para permitir a união dos azeris.

As repúblicas da Ásia Central são cinco: Cazaquistão, Turcomênia, Usbequistão, Tadjiquistão e Quirquistão.

O CAZAQUISTÃO

Pela sua dimensão, alguns autores não consideram esta gigantesca república como pertencente à Ásia Central, mas como uma entidade à parte, tendo em vista que considerável

porção do seu território apresenta as mesmas características do sul da Sibéria Ocidental: a zona das estepes.

De fato, com uma superfície de 2.700.000 km², semelhante a da Argentina, o Cazaquistão é a segunda república da C.E.I. em dimensão, com uma população de 16,5 milhões de habitantes, o que resulta numa baixa densidade de 6 habitantes por km². Dessa população, apenas 42% são cazaques, sendo os russos 38% e o total de eslavos 44%. O crescimento demográfico rápido dos cazaques, em torno de 3% ao ano, permitiu, recentemente, ultrapassar os efetivos dos russos, que já foram mais numerosos nessa república. Os cazaques são um povo de língua turca, mas de tipo físico mongol, e são de religião muçulmana sunita. Eram pastores nômades e foram sedentarizados no período soviético. A grande proporção de russos na população é devido ao fato do Cazaquistão ter sido também colônia de povoamento, com a imigração de 400 mil russos antes de 1900, e de mais de 1 milhão nas primeiras décadas do século atual.

Sua capital, Alma-Atá, fundada em 1854, a partir de um forte russo, cresceu a taxas de mais de 4% durante as décadas de 1950 a 1970, alcançando em 1989 a população de 1.130.000 habitantes. Está situada no extremo leste do país, perto da fronteira do Quirguistão, e já sofreu dois terremotos em 1887 e 1911. Em Baikonur, entre o Mar da Aral e Karagandá, está situado o Cosmódromo da ex-U.R.S.S.

Situado entre o Mar Cáspio e a fronteira chinesa, o Cazaquistão tem metade de seu território composto de terras altas e um terço de montanhas. De norte para sul estão distribuídas em faixas contínuas, estepes, semi-desertos e o deserto de Kara-Kum.

O P.N.B. é de 43 bilhões de dólares, próximo ao P.I.B. polonês (porém com metade da população), correspondendo a um rendimento per capita de 2.600 dólares, o penúltimo da C.E.I., equivalente ao rendimento médio brasileiro atual. A dívida externa é elevada: 46 bilhões de dólares.

O Cazaquistão era o grande fornecedor, juntamente com a Sibéria, de matérias-primas para a ex-U.R.S.S., destacando-se o carvão (3o. produtor) e o cobre, com o maior Combinado da ex-U.R.S.S. deste produto. Era também a terceira república da ex-U.R.S.S. quanto a produção industrial.

A agricultura também é importante, com o desbravamento de 40 milhões de hectares de terras virgens no norte, nos anos 50, tornando o Cazaquistão o segundo produtor de cereais da C.E.I., ultrapassando a Ucrânia. Produz 1/3 do trigo da ex-U.R.S.S. O sul do território conta com 1,3 milhões de hectares de terras irrigadas. É também a primeira república na produção de gado ovino e caprino da ex-U.R.S.S..

Tendo em vista a riqueza e variedade de recursos, apesar da existência de grandes áreas ocupadas por desertos e semi-desertos, o maior problema do Cazaquistão é a heterogeneidade de sua população e a grande presença de população européia.

A TURCOMÊNIA

Com 488.100 km², a Turcomênia é um pouco maior do que o Iraque, e tem apenas 3,5 milhões de habitantes, o que resulta numa densidade de 7 habitantes por km². A população é formada em 68% por turcomanos, sendo os russos 13%. Os turcomanos falam uma língua do grupo turco, e em sua maioria são muçulmanos sunitas. No passado também eram pastores nômades.

Sua capital, Achkhabad, fundada em 1881 como um forte russo, está a apenas 30 km da fronteira iraniana, ao sul. Tem 400.000 habitantes e é a menos populosa das capitais da C.E.I., tendo sido arrasada por um terremoto em 1948. O país tem fronteiras com o Mar Cáspio, o Irã e o Afeganistão, além dos vizinhos Usbequistão e Cazaquistão, da C.E.I.. A maior parte do território (80%) está situada no deserto de Kara-Kum, sendo a mais quente das repúblicas da C.E.I.. Como conseqüência, apenas 1% do território é cultivado, em oásis, produzindo sobretudo algodão, sendo a Turcomênia o segundo produtor da C.E.I.. Complementarmente, cultiva-se frutas e a vinha. Desde 1950 foi iniciada a construção do gigantesco canal de Kara-Kum, com 1.400 km de extensão, visando a irrigação do país, devendo ligar o rio Amudária ao Mar Cáspio. Os grandes trabalhos de irrigação estão sendo criticados em conseqüência da diminuição do nível das águas do Mar de Aral, entre os vizinhos Usbequistão e Cazaquistão, que recebe os aportes dos rios Amudária e Sirdária.

O P.N.B. é de 12,1 bilhões de dólares, um dos menores da C.E.I., próximo ao da Síria. O rendimento per capita, devido à pequena população é o mais alto das repúblicas da Ásia Central: 3.370 dólares. É a terceira república em produção de petróleo da C.E.I., produzindo também gás natural. A criação de ovelhas para a extração da pele de astracã também é importante.

A Turcomênia foi uma das repúblicas que teve grande desenvolvimento durante o regime soviético, tendo em vista que em 1917 apenas 0,7% da população era alfabetizada. Mas a crise na monocultura do algodão está causando pobreza e desemprego na área rural. Alguns indicadores estão alcançando o nível de países do Terceiro Mundo, como a taxa de mortalidade infantil, de 58 por mil.

Apesar da vizinhança com o Irã, a Turcomênia tem mais afinidade com suas vizinhas da Ásia Central, assim como com a Turquia.

O USBEQUISTÃO

O Usbequistão tem 447.400 km², um pouco menor que a vizinha Turcomênia, mas tem a maior população da Ásia Central, quase 20 milhões de habitantes, que o coloca em terceiro lugar na C.E.I., após a Ucrânia, o que resulta numa densidade de 44 habitantes por km², a mais elevada da Ásia Central.

Os usbeques são um povo de língua turca, muçulmanos sunitas, e já eram sedentários e tinham uma longa tradição urbana. Eles são 69% da população, enquanto que os russos são 11% da mesma.

A capital, Tachkent, com 2 milhões de habitantes, é a maior cidade da Ásia Central, tendo sido fundada no século VII, na rota da seda entre Constantinopla e a China. Foi reconstruída após terremoto em 1966. Outras cidades como Samarcanda, fundada em 530, são muito antigas e importantes centros culturais.

Os desertos formam 80% do território do Usbequistão, que é majoritariamente formado por terras baixas. Possui, entretanto, 60% das terras irrigadas da Ásia Central.

É a mais desenvolvida das repúblicas da Ásia Central, sendo o terceiro produtor mundial de algodão, e conta com 2/3 da produção da ex-U.R.S.S.. O Usbequistão também é o maior produtor de cânhamo (90%), de seda natural e produz 1/3 de pele de astracã da ex-U.R.S.S.. Possui ainda uma das maiores jazidas de gás natural da ex-U.R.S.S.. A indústria cresceu nove vezes entre 1940 e 1970, e a têxtil é a mais importante, com a produção baseada no algodão e na seda.

O P.I.B. é de 56 bilhões de dólares, o mais elevado da Ásia Central, o quarto da C.E.I., e é equivalente ao P.I.B. da Iugoslávia. A renda per capita de 2.750 dólares, é um pouco superior à brasileira.

Só com o regime soviético foi implantado o ensino superior: a primeira Universidade da Ásia Central data de 1920, a do Turquestão, sediada em Tachkent.

Quase um terço do território, a oeste (164.900 km²) corresponde à República Autônoma de Caracalpaquia, com 1.075.000 habitantes. Os caralpaques são 31% da população. É um antigo povo nômade de língua turca, com mistura mongol e são aparentados aos cazaques. A capital é a cidade de Nukus.

A crise atual, a monocultura do algodão, tendo em vista os baixos preços pagos, estão levando desemprego e pobreza à população rural do Uzbequistão, que tem uma taxa de mortalidade infantil elevada: 46 por mil. A monocultura leva a uma interdependência com as outras repúblicas da C.E.I.

O TADJIQUISTÃO

Com 143 mil km², o Tadjiquistão é a menor das repúblicas da Ásia Central, tem a população de 5 milhões de habitantes, mas com um elevado crescimento demográfico de 3,2% ao ano, semelhante aos dos países do Terceiro Mundo. Os tadjiques são antigos habitantes da Ásia Central, em sua maioria muçulmanos sunitas. Ao contrário dos demais povos da Ásia Central da ex-U.R.S.S., sua língua é do grupo iraniano, próximo ao farsi, falado do outro lado da fronteira, no Afeganistão, onde os Tadjiques são 25%, sendo também a língua oficial do Irã. Os tadjiques são 58% da população da república, sendo os uzbeques 23% e os russos 10%.

Duchambé, sua capital, com 600.000 habitantes em 1989, é uma cidade planejada, fundada em 1925, com a denominação de Stalinabad.

Situado nas montanhas de Pamir, considerado o "Telhado do Mundo", o Tadjiquistão tem 93% do território montanhoso, tendo, portanto, poucas áreas cultiváveis, mas, ainda assim, é o terceiro produtor de algodão da ex-U.R.S.S., com 11% da produção. Cria-se sobretudo carneiros para a produção de pele astracã. Possuía a segunda reserva de recursos hídricos da ex-U.R.S.S., o que permitiu a construção da maior central hidrelétrica da Ásia Central, a de Nurek.

O P.N.B. de 12 bilhões de dólares, o menor da Ásia Central, resulta no rendimento per capita de 2.340 dólares, o mais baixo da C.E.I., inferior, inclusive, ao brasileiro. A indústria têxtil é a principal: algodão e seda são as matérias primas utilizadas. O Tadjiquistão possui a maior fábrica de tapetes da ex-U.R.S.S..

A Região Autônoma de Gorno-Badakhchan, com 63,7 mil km², quase metade do território da república Tadjique, com apenas 140.000 habitantes, situada nas montanhas do Pamir, reúne várias minorias. Sua capital é Khorog. Badakhchan é uma província no vizinho Afeganistão.

Os progressos na educação foram elevados no período soviético, comparado com 1917 onde apenas 0,5% da população sabiam ler e escrever.

Seu maior problema, além da heterogeneidade da população, é seu isolamento, tendendo a aumentar os vínculos com o Irã. Recentemente optou para modificar seu alfabeto para o árabe.

O QUIRGUISTÃO (OU QUIRGUIZIA)

A mais remota das repúblicas da C.E.I., com quase 200.000 km², e 4,3 milhões de habitantes. Os quirguizes, povo de língua turca, de maioria muçulmana sunita, eram pastores nômades. São 52% da população, os russos 21% e os usbeques 13%. O influxo de russos e ucranianos deu-se sobretudo entre 1926/1959.

A capital é Pishpek, nome original que tinha sido substituído por Frunze, e agora retomado. Foi fundada em 1878 e teve sua população duplicada entre 1959 e 1970, contando com mais de 600.000 habitantes em 1989. Quase tão montanhoso quanto seu vizinho Tadjiquistão, tem quase metade do território no centro das montanhas do Tien-Shan, junto a fronteira chinesa.

A criação de ovelhas é importante, assim como a de cavalos de raça, mas cultivava-se também cereais, algodão, fumo e papoula, utilizando inclusive sistemas de irrigação. Produz metais não-ferrosos e possui indústrias de enriquecimento de mercúrio e de antimônio.

O P.N.B. de 13 bilhões de dólares, resulta num rendimento per capita de 3.030 dólares, e provém dos progressos realizados no período soviético, onde a produção industrial aumentou 211 vezes, considerando um país onde o número de alfabetizados era apenas 0,6% da população em 1917. Seu maior problema, como o Tadjiquistão, é sua situação remota, no centro da Ásia, adicionando-se o estabelecimento de fronteiras artificiais, que resulta numa população heterogênea e conflitos étnicos.

GLOSSÁRIO

BRANCOS: grupos armados opositores aos soviéticos (vermelhos) durante a Guerra Civil de 1918/1921.

COMBINADO: combinação de duas ou mais unidades de produção objetivando a integração do processo produtivo, na ex-U.R.S.S..

CANATO: organização política de povos nômades da Ásia Central, em que o chefe tinha o título de Cã (Khan).

C.E.I.: Comunidade de Estados Independentes.

COSSACOS: povo semi-livre do antigo Império Russo que tinha privilégios em troca de serviços militares.

ORDA: organização que reunia tribos nômades da Ásia Central, sob o comando de um chefe ou líder.

P.I.B.: Produto Interno Bruto. Produção total final de bens e serviços produzidos por uma economia.

P.M.L.: Produto Material Líquido. Valor global da produção dos diferentes ramos, menos o valor do consumo intermediário.

P.N.B.: Produto Nacional Bruto. Valor adicionado interno e externo creditado aos residentes.

REGIÃO AUTÔNOMA: divisão administrativa da ex-U.R.S.S. com prerrogativas culturais e linguísticas.

REPÚBLICA AUTÔNOMA: divisão administrativa da ex-U.R.S.S. com direitos sobre questões nacionais, lingüísticas e religiosas.

SERVIDÃO: regime que obrigava o camponês em transferir rendas aos senhores feudais, sob a forma de trabalho, produto ou dinheiro.

SUZERANO: Estado/Povo obrigado a pagar tributo ao Estado dominante, e que recebe, em troca, a proteção do mesmo.

U.R.S.S.: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

FONTES

- AVTOROV, K. & alii. Geografia da U.R.S.S.. Moscou, Progresso, 1985
- BRAUDEL, F. Gramática das Civilizações. S.Paulo, Martins Fontes, 1989
- ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. S.Paulo, Enc.Brit.Brasil., 1986
- ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Chicago, E.B.P., 1989.
- L'ETAT DU MONDE 1991. Paris. La Découverte, 1990.
- L'ETAT DU MONDE 1992. Paris, La Découverte, 1991.
- FAVROD, C.H. (Ed.) Os Soviéticos. Lisboa, D.Quixote, 1978 (EDMA)
- HERODOTE no. 58 - A L'Est et au Sud. Paris, La Découverte, 1990.
- KINDER, H. & HILGEMANN, W. Atlas Historique. Paris, Stock, 1968.
- NEKRASOV, N. Organizacion Territorial de la Economia de la U.R.S.S. Moscou, Progreso, 1975.
- SPIDTCHENKO, C. Panorama da Geografia Econômica Mundial. 2.-Países socialistas. Lisboa, Estampa, 1974.
- U.R.S.S. A Caminho da Sociedade Comunista. Lisboa, Estampa, 1975.
- U.R.S.S. A Ciência, a Instrução, a Cultura. Lisboa, Estampa, 1976
- U.R.S.S. A Agricultura, a Indústria, o Bem Estar. Lisboa, Estampa, 1976.

DADOS/CARTOGRAFIA

- ALMANAQUE ABRIL. São Paulo, Ed. Abril, 1992.
- BOOK OF THE YEAR, Encyclopaedia Britannica. Chicago, 1991.
- KIDRON, M. & SIGAL, R. The State of the World Atlas. London, Pan Books, 1981.
- RELATÓRIO SOBRE O DESENVOLVIMENTO MUNDIAL 1991. Rio de Janeiro, F.G.V. 1991.

JORNAIS/REVISTAS

Folha de São Paulo
Revista Veja.

MUDANÇAS NA GEOGRAFIA ECONÔMICA DO BRASIL

Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva*

A profunda crise dos últimos anos não deve afastar os brasileiros da análise das questões de médio e longo prazos sob pena de, ao se tentar resolver problemas imediatos sem uma perspectiva mais ampla, colocar o País longe dos debates em torno da construção de uma nação realmente moderna. Pelo contrário, a atual crise deve nos remeter permanentemente para a discussão das grandes questões nacionais e vice-versa.

Um desses abrangentes e problemáticos temas é o do que trata dos desequilíbrios regionais existentes no País, reconhecidamente - ao lado das disparidades de renda pessoal - um dos mais altos do mundo.

Nos últimos anos, algumas importantes mudanças têm sido detectadas nesse campo, carregando em si mesmas um grande potencial em termos estratégicos. Com efeito, essas mudanças têm levantado a discussão em torno da questão da existência ou não da reversão da polarização no Brasil, tomando como base a contribuição teórica do economista regional Harry W. Richardson. Segundo o mesmo, a reversão da polarização ocorre quando as tendências de polarização espacial na economia nacional dão lugar a um processo de dispersão espacial para fora da região central, em direção a outras regiões do sistema. Estaria isso ocorrendo entre nós nos últimos anos? E qual o significado dessa questão para o conjunto dos problemas nacionais?

Vejamos, inicialmente, os estágios, de um lado, do processo de reversão da polarização, definidos por Richardson, e, por outro lado, os indicadores regionais brasileiros mais relevantes e mais recentes.

Estágios da reversão da polarização

1. Início do processo concentrador do crescimento econômico nacional em somente uma ou duas regiões; estabelecimento das relações centro-periferia;
2. Início das transformações internas à região central com formação de deseconomias externas de aglomeração e implantação de mecanismos de descentralização, inclusive incentivados pelo Estado;

Indicadores brasileiros

1. Grande concentração do crescimento econômico no Sudeste, sobretudo em torno do setor industrial de São Paulo; maximização dos desequilíbrios regionais na década de 50;
2. Superioridade do interior paulista, a partir de 1989, sobre a Região Metropolitana de São Paulo na composição do PIB estadual o que significa dizer que hoje o interior de São Paulo - uma área não metropolitana - é a mais importante região do País a nível sub-estadual; superioridade recente dos padrões de vida das cidades médias paulistas sobre os da Região Metropolitana de São Paulo; superioridade, em 1990, do PIB do Estado de Minas Gerais sobre o PIB do Estado do Rio de Janeiro;

*Geógrafo e Professor Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia.

3. Início da reversão da polarização a nível nacional com dispersão do crescimento para alguns centros de outras regiões;

4. Início do crescimento de centros dependentes dos mais importantes centros regionais;

5. Perda de população da região central e, possivelmente, de alguns centros regionais;

3. Expansão favorável da economia do Sudeste para a Região Centro-Oeste, sobretudo Mato Grosso e Goiás, e para o Sul; importante crescimento de centros metropolitanos em áreas periféricas, sobretudo Salvador e Manaus;

4. Rápido crescimento de centros secundários e de suas regiões de influência no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso e Goiás; crescimento expressivo de centros e regiões do Nordeste e do Norte (Feira de Santana, Vitória da Conquista, Barreiras, áreas de projetos especiais, etc.);

5. Previsão de estabilização da participação da população do Sudeste na população brasileira; maior crescimento demográfico das cidades médias paulistas com relação à Região Metropolitana de São Paulo; idem para vários outros Estados.

Outros indicadores gerais nos dão mais informações sobre as mudanças recentes na economia espacial brasileira:

- a) alguns Estados periféricos brasileiros passaram a ter, nos últimos anos, relações comerciais superavitárias com o resto do Brasil, inclusive com a região central, o Sudeste, graças à importância dos projetos aí implantados. É o caso da Bahia, com o Pólo Petroquímico de Camaçari, e do Amazonas, em função da Zona Franca de Manaus. Alguns outros Estados periféricos começam, recentemente, a ter também relações comerciais superavitárias, como Sergipe, Mato Grosso e Goiás;
- b) Comparando os Censos Industriais de 1970, 1980 e 1985, percebe-se uma pequena mas contínua desconcentração da produção industrial global e por gênero de indústrias no Brasil;
- c) a participação do Estado de São Paulo no total da Renda Interna do País cai de 39% em 1970 para 34% em 1985 e a do Sudeste para de 65% para 58% no mesmo período; em contrapartida a participação do Norte dobra de 2% para 4%, a do Nordeste aumenta de 12% para 13,5%, a do Sul se mantém em torno de 17% e a do Centro-Oeste dobra sua participação de 3% para 6%, também entre 1970-1985.

Portanto, são extremamente relevantes, em termos econômico-sociais, as mudanças na região central, o Sudeste, bem adequadas às fases iniciais do modelo de Richardson, e estimulantes as transformações nos diversos tipos de região periférica no Brasil (Sul, Centro-Oeste, Norte e Nordeste). Elas permitem afirmar, em conjunto, que é possível projetar o desenvolvimento do País em termos bem mais equilibrados do ponto de vista regional, fato difícil de se imaginar há pouco tempo atrás. Certamente, não temos ainda a plena reversão da polarização mas, por outro lado, fica a certeza de que é factível reduzir sensivelmente os desequilíbrios regionais e com estes, as desigualdades sociais. Este é o maior significado

das mudanças acima relatadas. Isto deve ficar bastante claro justamente quando se discute a atual crise brasileira tentando fazer com que os esforços em superá-la não causem um retrocesso neste processo, ou seja, não implantem novos e poderosos mecanismos de concentração econômica. E os indicadores econômicos devem ser permanentemente confrontados com os sociais para se evitar a contradição de se ter, ao mesmo tempo, uma crescente redução dos desequilíbrios a nível da estrutura produtiva e um aumento das disparidades regionais a nível dos padrões de vida da população. Infelizmente, isto já está acontecendo no Brasil como resultado da crise dos últimos anos, conforme demonstrou, dentre outros, um recente trabalho do economista pernambucano M. C. Romão.

Todas estas questões devem nos levar, finalmente a rediscutir o modelo de crescimento do País, unindo de vez o econômico, o social e o espacial e ligando a crise aos problemas estruturais de alcance bem maior. No fundo, o que é preciso é reverter o quadro atual de dificuldades dentro de um amplo conjunto de novas proposições de crescimento, lógicas, eficientes e justas. A nova geografia econômica do Brasil fornece importantes pistas para a formulação de uma mais efetiva e equitativa política de desenvolvimento nacional.

COMENTÁRIO SOBRE A JORNADA DE 30 HORAS PLEITEADA PELOS FUNCIONÁRIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Joaquina Lacerda Leite*

Os funcionários da UFBA lutaram, por algum tempo, pela jornada de 30 horas semanais de trabalho. Gradativamente, os funcionários de uma ou outra Unidade conseguiam do Diretor a adoção desse regime, até que o Prof. Germano Tabacof, logo no início de seu reitorado, concedeu a jornada de seis horas diárias a todo o corpo técnico-administrativo da Universidade. O argumento apresentado pelos servidores e pelo Reitor, junto ao Conselho Universitário, foi o então baixíssimo salário percebido pelos funcionários, insuficiente para o custeio das necessidades fundamentais do homem, como alimentação, moradia, transporte, educação dos filhos e manutenção da saúde. Naquela época, foram poucos os docentes que discordaram da atitude do Reitor, tamanha a justeza da argumentação utilizada. Eu, por exemplo, então Vice-Diretora do IGEO/UFBA, defendi veementemente o pleito dos funcionários, para que estes pudessem dispor de tempo para prestar serviços em outras empresas (ou como autônomos) e, assim, complementarem os seus salários.

Quase no final do mandato do Reitor Tabacof, a competência da luta organizada dos servidores técnico-administrativos das Universidades Federais brasileiras levou-os a conquistar um plano de cargos e salários competitivo com as empresas privadas. Neste plano, elaborado pelos próprios funcionários, através de suas entidades representativas, lideradas pela FASUBRA, foi estabelecido o regime de trabalho de 40 horas semanais. Embora tenha prometido aos Diretores o restabelecimento desse regime, não sei por que motivo, o Prof. Tabacof deixou a reitoria sem tomar essa providência. Coube ao Reitor Rogério Vargens essa iniciativa, provocando enorme descontentamento na categoria dos funcionários, não apenas pelo fato em si, mas também pela forma autoritária com que o fez. Desde então, passou a ser bandeira constante dos movimentos grevistas dos funcionários, o retorno da jornada de 30 horas. Os argumentos apresentados na defesa do pleito são, principalmente, os seguintes:

- (1) a jornada de 30 horas é vista por eles como uma conquista e, como tal, não pode ser perdida;
- (2) alegam que a redução da jornada de trabalho é uma reivindicação dos trabalhadores de todos os Países do Mundo;
- (3) argumentam que a redução da carga de trabalho, se bem administrada, não implica em prejuízo das atividades desenvolvidas pela Universidade.

Devo ressaltar que a mencionada reivindicação dos funcionários tem provocado uma enorme polêmica no seio do corpo docente. Os argumentos que tenho ouvido de muitos professores, com maior frequência, são os seguintes:

*Professora Adjunto do Departamento de Geologia e Geofísica Aplicada do IGEO/UFBA

- (1) são uns irresponsáveis e pedem seis horas/dia para, de fato, só trabalharem duas a quatro, porque foi isso o que aconteceu no reitorado Tabacof;
- (2) querem trabalhar pouco porque são descomprometidos com os destinos da Universidade;
- (3) são corporativistas e, por isso, só sabem defender os próprios interesses. São muito competentes para defender direitos mas não querem saber dos deveres;
- (4) eles já estão ganhando demais para o pouco que se dedicam à Universidade. Além disso, estão ganhando mais que os colegas da empresa privada.

Escrevi este texto para dizer que eu também sou contrária ao regime de 30 horas semanais, mas os meus motivos são totalmente diferentes daqueles apresentados pela maioria dos meus colegas professores. Correndo o risco de parecer petulante, eu penso que tanto os docentes quanto os funcionários estão equivocados. Acredito que esse equívoco advém da alienação política que as ditaduras brasileiras tentaram - com sucesso quase absoluto - imprimir nos habitantes desse País tão massacrado por tantas espécies de autoritarismo. Temos vivido, quase todo o tempo, uma longa peça teatral representada por dominadores cegos e por dominados subservientes, a qual levou o povo brasileiro a perder a competência para o exercício da indignação. Vou tentar agora explicar melhor essa história de equívoco, começando pela análise dos argumentos dos funcionários, para, a seguir, comentar aqueles apresentados pela maioria dos docentes.

- Por que penso que os funcionários - a maioria, já que nem todos pleiteiam o horário corrido de seis horas diárias - estão equivocados?

- Primeiramente porque a jornada de 30 horas experimentada na Gestão Tabacof, não constituiu, efetivamente, uma conquista permanente, mas uma concessão de caráter excepcional motivada pelos aviltantes salários que percebiam na época. A concessão foi fundamentada em uma razão circunstancial imperativa e sustentável sob qualquer ponto de vista: o insignificante salário dos funcionários das Universidades Autárquicas, bem inferior ao dos seus colegas das Fundações. Tanto isso é verdade que, no relatório da Comissão constituída pela Congregação do IGEO/UFBA, para analisar a viabilidade técnica da implantação do regime de seis horas corridas, o parecer conclusivo e unânime da comissão foi o seguinte: embora reconhecendo que o Instituto iria ser sacrificado, opinava favoravelmente à mudança de regime, em função dos baixíssimos salários. Este parecer recebeu voto favorável, inclusive, do membro representante dos funcionários do IGEO. Além desse motivo, que pode até ser contraposto pelo argumento de que os salários atuais voltaram a ser baixos, devo apresentar outro: trabalhamos em uma Universidade pública e gratuita e, portanto, sustentada pelo suor dos outros trabalhadores - e de nós próprios, já que pagamos impostos -, a qual funciona de modo muito precário. É urgente a revitalização de nossa Universidade - se não for para dar melhor satisfação aos que nos pagam o salário, que seja pelo menos para merecermos maior respeito do povo brasileiro. E não há nenhuma forma de recuperação de uma instituição que não inclua a dedicação de seus servidores! Logo, a redução da jornada de trabalho pode ser muito válida para os países desenvolvidos... mas, para um País em profunda crise, esse pleito é antipatriótico. Cabe aqui uma observação que coloco no parágrafo a seguir.

Provavelmente, se fosse funcionária da UFBA e não tivesse a consciência política que tenho hoje, também estaria defendendo, com unhas e dentes, a redução da carga semanal

de trabalho. Digo isso porque sinto que os funcionários da UFBA, em geral, são extremamente desrespeitados. Primeiro, porque ora nenhuma lhes são dadas informações sobre a estrutura e o funcionamento da Instituição. Vejo muitos aposentarem-se sem saber os nomes dos seus diversos órgãos. Em segundo lugar, porque não lhes é permitido participar da administração da Universidade; não tem, sequer, representação nos Órgãos Colegiados mesmo os de caráter preponderantemente administrativo e, na maioria das vezes, são tratados apenas como máquinas destinadas apenas para o trabalho planejado pelos professores. Em terceiro lugar, os funcionários não tem direito de participar do processo de criação na Universidade: toda a elaboração é feita exclusivamente pelos docentes, ainda que sejam menos inteligentes do que os seus subordinados! Eu nunca vi um servidor administrativo da UFBA ser consultado a respeito da solução de um problema difícil e sobre o qual tem competência para colaborar. Em decorrência desse tipo de tratamento, extremamente desrespeitoso, é que eles perdem o interesse de contribuir com o desenvolvimento da Instituição, partindo para reivindicações completamente impertinentes, para uma entidade educacional, como aquela que muito me chocou: "Seis horas semanais, nem um minuto a mais". Embora procure entender a problemática dos funcionários, a experiência mostrou-me que a solução do problema passa muito mais pelo aumento dos salários e pela luta no sentido da participação na gestão acadêmica e na construção de uma Universidade mais competente e democrática, do que pela redução da carga de trabalho em uma Casa onde já se trabalha muito pouco.

Por fim, gostaria de afirmar a minha posição de que a redução de duas horas/dia de cada funcionário, trás prejuízo, sim, à Universidade. Fazendo cálculos simples, concluí - estarrecida! - que, dos 360 dias de 24 horas que o ano tem, só trabalhamos efetivamente durante 213 dias de 8 horas, pois os outros dias são destinados ao repouso semanal, às férias, à licença especial remunerada e aos feriados. Se passarem a trabalhar apenas seis horas/dia, os funcionários passarão a trabalhar tão somente 160 dias de 08 horas, por ano! Dizer que isso não faz diferença no funcionamento da UFBA é falácia, demagogia, populismo ou falta de comprometimento.

Agora passo a comentar os argumentos da maioria dos docentes, um a um, discordando de todos eles.

Argumento da irresponsabilidade: não posso esconder que uma parte dos funcionários dessa Universidade perderam qualquer senso de profissionalismo. Tem gente pegando o trabalho às 10 horas e deixando-o às 16 ou 17 horas, perfazendo, portanto, um total de 4 ou 5 horas! Tem gente que passa o dia todo enrolando, sem nada produzir! Mas no final do mês, o salário é recebido integralmente! Mas a ficha funcional não apresenta nenhum registro de falta, mesmo a daqueles que faltam mais da metade dos dias do mês! Obviamente, são Indígnos os funcionários desse tipo, porém a culpa maior é dos seus chefes que não tem a necessária coragem de aplicar-lhes falta, não sei se movidos pela covardia ou pela piedade, não sei se é por descomprometimento com a Instituição, não sei se é porque são também irresponsáveis - o certo é que pelo menos no meu local de trabalho, já se institucionalizou o hábito de passar a mão pela cabeça dos negligentes faltosos. Pelo estatuto da UFBA, cabe ao chefe fiscalizar a freqüência dos professores. Pelo Regime Jurídico Único, cabe também ao chefe o controle da freqüência dos seus administrativamente subordinados. Mas, como quase todas as leis de nosso País, essas duas também só existem para decoração jurídica. Concluindo, se os servidores faltam e

recebem freqüência e salário integrais, a culpa maior é do chefe que, com o seu absentismo, termina estimulando a vadiagem. E tem mais um outro aspecto a considerar: muitos chefes são tão pouco criativos, que não geram trabalho para os funcionários que dirige. E ninguém gosta de ficar sentado em uma mesa só para demonstrar freqüência. Além disso, quando os equipamentos dos laboratórios quebram, certos chefes demoram tanto para providenciar o reparo, que o funcionário não agüenta marcar presença só para ficar olhando o equipamento quebrado. Alegam os responsáveis que o problema é falta de verba mas tenho constatado que, muitas vezes, é apenas morosidade! Jamais se pensa em utilizar o momento de inatividade forçada do trabalhador para lhe propiciar um curso de reciclagem!

Argumento da incompetência: muitos docentes ficam o tempo todo queixando-se da incompetência dos funcionários. Obviamente não podemos esconder que uma boa parte dos funcionários da UFBA encontra-se totalmente desqualificada para o exercício da função em que se encontra classificada. Aqui também, mais uma vez, preciso defendê-los. Primeiramente, porque boa parcela deles ingressou na UFBA pelo critério do apadrinhamento, sobretudo durante a ditadura militar, quando os concursos públicos foram raríssimos. À custa da subserviência cega ao regime, diretores e chefes encheram a Universidade com os seus respectivos protegidos, exigindo deles sobretudo obediência, em vez de competência. Uma outra parte foi admitida por concurso público mas sabemos que a maioria dos concursos era jogo de cartas marcadas. Aliás, até hoje esse tipo de jogo existe - conforme demonstra o último concurso para funcionários do Banco do Brasil, anulado porque houve vazamento de informações para parentes de gerentes. A diferença é que agora a imprensa tem acesso às falcaturas, o povo tem direito de denunciar e a pressão popular vale alguma coisa. Por último, devo dizer que até mesmo os que ingressaram através de concursos limpos, podem apresentar despreparo mas, nesse caso, a culpa é do Governo que promove uma educação no nível mais rasteiro possível, de modo que titulação nem sempre significa qualificação. Para concluir esse ponto, reconheço mais uma vez, infelizmente, que a culpa é dos docentes, pois foram eles os únicos a ter direito de exercer o poder na Universidade e muitos o exerceram da forma menos séria possível, sem se preocupar sequer com a seleção criteriosa dos funcionários, e até mesmo dos próprios colegas. Tenho alegria de lembrar que, como chefe de Departamento, tive a honra de concorrer para a anulação de um concurso público para docente em que foi possível demonstrar, da forma mais óbvia possível, a parcialidade da Banca Examinadora. Um Diretor de Faculdade revelou-me, sigilosamente, que nas vésperas de um determinado concurso para docentes, recebeu ordens superiores para não permitir a inscrição de um certo candidato. Considerado perigoso pela Ditadura Militar. Professores e funcionários escolhidos em um clima como esse não podem estar preparados para construir uma grande Universidade! Urge um intenso programa de reciclagem e treinamento, sob pena de prejudicarmos o andamento da Instituição!

Argumento do corporativismo: sou contra este argumento apontados pelos professores porque acho extremamente salutar a prática do corporativismo. A história mostra que as maiores Universidades do Mundo foram consolidadas à custa do corporativismo dos membros da sua comunidade. É através de lutas corporativistas que se consegue melhores condições de trabalho e de salário - elementos essenciais para a atração e fixação de bons profissionais. O que é errado, penso eu, é a doutrinação de certas lideranças que alertam os seus liderados apenas para a defesa dos seus direitos sem chamar a atenção

para a necessidade do cumprimento dos deveres. Houve realmente um momento em que essa postura foi levada ao extremo por alguns dirigentes da ASSUFBA, o que considero um equívoco. Nós, trabalhadores das instituições educacionais, temos que nos compenetrar da enorme importância do nosso trabalho para o futuro do País. E essa consciência forçosamente obriga-nos a desenvolver as nossas atividades da forma mais responsável e competente possível.

Argumento do alto salário: discordo daqueles que acham que os funcionários estão ganhando muito bem. Aliás, é bom lembrar que há cerca de quatro anos atrás, quando esses conquistaram realmente um plano salarial razoável, vários professores das Universidades autárquicas do Brasil ficaram profundamente enciumados, alegando que muitos funcionários ficaram ganhando mais que eles. Tentei combater esse tipo de comportamento pelos motivos seguintes. Primeiro, porque os funcionários conseguiram um plano de cargos realmente melhor do que o nosso devido ao fato de a sua organização ser mais forte do que a nossa. Eles sabem - muito mais que a maioria dos doutores da UFBA - a elementar e fundamental lição: a união é que faz a força. Enquanto a APUB é desprestigiada por vários docentes da UFBA, os funcionários amam a ASSUFBA. Enquanto a APUB faz assembléias com 20 ou 30 pessoas, ocorrem às assembléias da ASSUFBA centenas de filiados. Enquanto os colegas da Diretoria da APUB são cruelmente criticados por alguns professores, os dirigentes da ASSUFBA são respeitados pelos funcionários. Acho justo ganhar mais o que a luta mais! Além disso, acho muito errado um trabalhador ficar enciumado porque um outro tem melhor salário. Acho que as categorias, ao invés de compararem os seus salários com os das outras categorias, criando motivos para divergências que só fazem prejudicar a Instituição em que trabalham, deveriam verificar se os seus salários estão suficientes e, em caso negativo, partirem para a luta organizada em prol de melhorias. Devo confessar que não estou nem um pouco preocupada em saber se algum colega ganha mais do que eu. O que me entristece é saber que ganha menos, pois acho que todos os trabalhadores que realmente desempenham as suas funções com profissionalismo deveriam perceber salário suficiente para as suas despesas, sejam eles varredor, pedreiro, professor, etc. Afinal, todos nós somos seres humanos e, em princípio, temos as mesmas necessidades e aspirações e desenvolvemos um trabalho igualmente importante. Se o varredor não cumpre as suas tarefas, as tarefas dos outros serão prejudicadas; se o datilógrafo não executa o seu trabalho em tempo hábil, as tarefas do professor serão também prejudicadas; se o vigilante falta, todos os que trabalham no prédio ficam susceptíveis à ação de vândalos e marginais; e por aí vai. Só preciso ressaltar o seguinte: aqueles que executam atividades que exigem a permanente reciclagem, a compra de equipamentos e recursos bibliográficos, constantes viagens, etc., certamente necessitam de recursos extras para o custeio dessas necessidades. Aí então é preciso uma complementação salarial, mas o salário-base que é aplicado no financiamento das despesas pessoais e familiares, este deve ser comum a todos. Essa opinião de que quem estudou mais precisa ser compensado com um salário maior não me faz a cabeça, porque acho que a motivação para se estudar mais deve ser a curiosidade e a motivação, e não o desejo de ganhar mais dinheiro.

Bem, agora que já discordo de Deus e do Mundo, é hora de eu apresentar os motivos pelos quais defendo a manutenção do regime de 40 horas para os funcionários da Universidade, já que não me satisfaz apenas discordar dos outros, sem apresentar contrapropostas. Antes de mais nada, na Universidade dos meus sonhos, só há lugar para o regime de dedi-

cação exclusiva, tanto para docentes quanto para estudantes e funcionários. Este regime caracteriza-se pela impossibilidade de o servidor poder exercer outro trabalho para que, mesmo nas suas horas de lazer, fique com a mente livre para permitir que, eventualmente, apareça alguma idéia importante para o aprimoramento de sua Instituição.

As minhas razões são muito simples: eu sonho - e não apenas sonho, mas trabalho para levar o sonho à realidade -, com uma Universidade radicalmente diferente da atual. Uma Universidade competente, responsável, democrática, onde todos os seus participantes trabalhem com prazer e sintam-se parte efetiva e importante do todo. Onde o funcionário sintam que precisa servir da melhor maneira possível ao professor; onde o professor se sintam na obrigação de servir o melhor possível ao aluno; onde o estudante goste realmente de estudar. Onde todos sejam irmanados, sem essas mediócras brigas intestinas que terminam prejudicando e desencantando a todos. Onde cada qual concorra apenas consigo próprio, procurando ser a cada dia melhor do que foi no dia anterior. Onde os visitantes e ex-alunos sejam tratados com cortesia. Uma Universidade autônoma mas profundamente humanística e preocupada com o corpo social que a sustenta e com aqueles que nem chance tem de sustentá-la, porque sempre estiveram à margem do sistema econômico. Uma Instituição educacional preocupada com a educação integral do seu alunado: em vez de um simples técnico, deve ser formado um cidadão tecnicamente preparado para enfrentar a vida social e a vida profissional.

O que almejo é uma Universidade com recursos financeiros e humanos capazes de lhe propiciar o cumprimento de seu importante e exclusivo papel de elaborar conhecimentos para o desenvolvimento nacional e, ao mesmo tempo, formar quadros para dirigir os mais altos destinos do País, com honestidade, seriedade e compromisso com o social. Uma Universidade onde a Ciência integre-se com a Arte e a Filosofia - sem que nenhuma modalidade de saber queira ser mais importante que a outra -, nos múltiplos eventos desenvolvidos nos Departamentos e nos espaços de vivência abertos à participação da comunidade externa. Uma Universidade hospitaleira às Associações profissionais que nela encontrassem abrigo para as suas sedes que, dessa forma, manteriam os ex-alunos permanentemente vinculados e em constante integração com os estudantes.

Entendo que uma verdadeira Universidade deve estar em constante ebulição, com as bibliotecas abertas todo o tempo, com atividades culturais acontecendo a cada instante, com cursos de reciclagem acontecendo semanalmente, com as disciplinas abertas à participação de curiosos externos, enfim, com professores e funcionários em permanente aprimoramento profissional e cultural. E PARA A REALIZAÇÃO DESSE SONHO INTENSO, É INDISPENSÁVEL UMA JORNADA DE TRABALHO INTEGRAL. E digo mais, se um dia conseguimos transformar esse sonho em realidade, todos os funcionários, professores e estudantes desejarão ficar na Universidade muito mais que 40 horas semanais pois, além do trabalho desenvolvido com entusiasmo e satisfação, estarão estimulados a participar dos eventos culturais, trazendo, inclusive, os seus familiares! E para levar o sonho à real, é preciso abolir pleitos do tipo "SEIS HORAS SEMANAIS, NEM UM MINUTO A MAIS".

Para finalizar, devo dizer que estou puxando um ou vários assuntos extremamente polêmicos e não é outra a razão senão estimular discussões francas em torno do assunto e suscitar reflexões a respeito do tema tratado, sem demagogias, nem moralismos, nem puridos, nem autoritarismos, nem fisiologismos, mas, sobretudo, com a postura de colo-

car os interesses coletivos sempre acima dos individuais. Falo assim porque as sociedades onde as pessoas se tornam extremamente individualistas, na base do salve-se quem puder e da concorrência desumana e desleal, o corpo social se amesquinha e, conseqüentemente, desaparecem as possibilidades de felicidades pessoais. É mais ou menos isso o que está acontecendo no Brasil, País tão privilegiadamente rico, que tão pobre está, devido, sobretudo, à falta da prática do sentimento de solidariedade dos seus filhos.

OBRAS DE REFORMA GERAL DO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

Francisco José Gomes Mesquita*

No bojo da reforma do ensino universitário brasileiro iniciada em 1966, foi criado formalmente, em 1968, o Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia. Ele absorveu a antiga Escola de Geologia, uma das primeiras no gênero implantada no País, o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, o Laboratório de Geoquímica, as disciplinas geológicas do Curso de História Natural da Faculdade de Filosofia e da Escola Politécnica e o Curso de Geografia que funcionava na Faculdade de Filosofia.

O Instituto de Geociências (IGEO) foi inaugurado efetivamente em 1970, com suas instalações restritas inicialmente aos atuais blocos B e C, onde abrigava os Cursos de Graduação em Geologia e Geografia (Licenciatura e Bacharelado).

No ano seguinte, para suprir a carência de espaço, em virtude da criação de cursos de Pós-Graduação e do aumento do Corpo Docente, foi construído o Bloco A. Contudo, as necessidades persistiram nos anos subsequentes, obrigando a ocupação de áreas destinadas à circulação, reduzindo-as significativamente em detrimento dos parâmetros do projeto original. Exemplos disso, são as 16 salas para professores construídas entre 1971 e 1972, nos "HALLS" das escadas, entre os blocos A-B e B-C.

Atualmente o Instituto de Geociências é responsável por quatro Cursos em nível de Graduação: Geologia, Licenciatura em Geografia, Bacharelado em Geografia e Geofísica; três Cursos em nível de Mestrado: Geologia, Geociências e Geofísica e dois Cursos em nível de Doutorado: Geofísica e Geologia e vários Laboratórios dotados de equipamentos para uso no Ensino, Pesquisa e Extensão.

Para que estas atividades possam ser desenvolvidas com um elevado índice de qualidade não se pode prescindir da conservação do ambiente físico, visando não apenas o bem estar mas a segurança de toda a comunidade.

Esta Unidade de Ensino, Pesquisa e Extensão ocupando uma área de aproximadamente 8.000 m², tem duas décadas, mais precisamente 23 anos de construída, sem sofrer qualquer reforma de grande vulto. Neste período houve apenas pequenas reformas. Daí o avançado estado de deterioração em que se encontravam o telhado, piso, forro, redes elétrica e hidráulica, pinturas externa e interna, esquadrias, laboratórios, etc. Este processo de deterioração, sob a ação implacável do tempo, foi seguramente favorecido pela não realização de obras de maior amplitude que garantissem a preservação das suas instalações.

Por isso, ao assumirmos a Direção do IGEO, convidamos o Prefeito do Campus, Dr. Francisco Fernando Gonzalez Claro, para participar da Reunião do Conselho Departamental, realizada no dia 23.04.90, onde foram discutidas as necessidades mais prementes

*Diretor do Instituto de Geociências da UFBA.

que serviram de base para elaboração pela Prefeitura do Campus do projeto amplo de reforma do IGEO.

O referido Projeto, foi submetido a apreciação do Magnífico Reitor Rogerio Vargens, o qual após análise, considerou justo o pleito, assumindo o compromisso de executá-lo até o final de sua gestão, o que realmente aconteceu no mês de fevereiro do ano em curso.

Destacamos dentre as obras executadas, a recuperação do telhado eliminando as inúmeras infiltrações anteriormente existentes, revisão e recuperação das redes elétrica e hidráulica, piso, forro, pinturas interna e externa e a construção do auditório, antiga aspiração da comunidade do Geociências, totalizando, a preços de hoje, 800 milhões de cruzeiros (US\$ 320.000.00 mil dólares).

Para a realização dessas obras desejo destacar o estímulo e o apoio efetivo da Profa. Nadja Valverde Viana, Vice-Reitora da UFBA e do Prefeito do Campus, Dr. Francisco Fernando Gonzalez Claro, pelo apoio decisivo e, principalmente aliado do IGEO na execução dessas obras. O meu reconhecimento deve ser estendido também ao Vice-Diretor do IGEO, Prof. Luiz Tarciso Cordeiro Pamponet, não apenas pelo acompanhamento direto das obras, mas também por jamais perder o otimismo de que as mesmas seriam realizadas a despeito da forte recessão vivenciada. Seu otimismo foi contagiante, talvez por isso eu jamais tenha desistido de insistir na execução dessas obras. Ao Conselho Departamental do IGEO pelo estímulo e pelo incentivo recebidos. Aos professores, alunos e funcionários pelo apoio, bem como pela compreensão diante dos transtornos provocados pela realização das obras.

E, finalmente, ao Magnífico Reitor, José Rogério da Costa Vargens, os nossos agradecimentos, pelo grande apoio dedicado para que o projeto de reforma geral do IGEO se tornasse realidade.

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE GEOCIÊNCIAS: UMA REALIDADE AO NOSSO ALCANCE

Osmário Rezende Leite*
Hailton Mello da Silva**

INTRODUÇÃO

Visando a complementação pedagógica de profissionais da área técnica, que optaram por uma carreira docente a nível de 3o. Grau no ramo das Geociências, um grupo de professores da Universidade de Campinas (UNICAMP) resolveu implementar o Curso de Especialização em Ensino de Geociências naquela Universidade.

Informados da sua existência e, acima de tudo, na procura de algo que viesse aprimorar as nossas atividades didáticas, resolvemos cursá-lo.

Apesar de ainda não termos concluído, decidimos fazer uma descrição do Curso com dados e impressões que julgamos importantes. Esperamos, com isto, atender aos anseios dos nossos colegas que nos cobram detalhes do mesmo.

CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DO CURSO

O Curso de Especialização em Ensino de Geociências possui uma carga horária de 450 horas, distribuídas entre 10 disciplinas e desenvolve-se em três etapas distintas:

Primeira etapa: Perfaz um período de 6 semanas (Janeiro-Fevereiro), sendo oferecidas 6 disciplinas. Nesta etapa, é feito um diagnóstico dos principais problemas na disciplina que lecionamos e, a partir dele, devemos fazer uma proposta de trabalho com as mudanças em nossa prática docente, que julgarmos necessárias.

Segunda etapa: É desenvolvida na própria instituição de ensino do participante, durante o 1o. semestre letivo. Devemos aqui, colocar em prática a proposta de trabalho feita na etapa anterior.

Terceira etapa: Compreende um período de 4 semanas, (Julho), sendo cursadas 4 disciplinas. No final desta etapa devemos entregar aos nossos orientadores uma monografia, detalhando a nossa proposta de mudanças, aplicação e todos os resultados obtidos: positivos e/ou negativos.

*Prof. Adjunto do Departamento de Geologia e Geofísica Aplicada

**Prof. Auxiliar do Departamento de Geologia e Geofísica Aplicada

Faremos a seguir, uma rápida descrição dos objetivos das seis disciplinas iniciais do Curso. Cabe salientar que, no momento, nada podemos adiantar acerca das 4 últimas disciplinas que compõem a terceira etapa.

Educação e Ensino de Geociências no Brasil: Tal disciplina tem como objetivo principal a identificação dos problemas que aparecem na prática docente dos participantes e suas causas, com base no diagnóstico da realidade profissional de cada um.

Para tanto, ela estabelece relações entre aspectos históricos da educação brasileira, as diversas reformas de ensino e os modelos sócio-econômicos vigentes, procurando caracterizar o ensino de Geociências neste contexto.

Por fim, procura delinear soluções para os problemas diagnosticados inicialmente.

Tópicos Especiais de Geologia I: o principal objetivo desta disciplina é o de analisar, a partir da execução, exemplos de metodologias de ensino, aplicadas a conteúdos geológicos.

Os participantes desempenham, na prática, dois papéis diferenciados:

- de alunos: participando da execução de aulas reais;
- de professores: analisando as etapas destas aulas, desde o seu planejamento até a sua execução.

Tópicos Especiais de Geologia II - História da Geologia: tem como objetivo despertar nos professores a percepção da importância no ensino, em todos os níveis, da História das Ciências em geral, e da Geologia em particular. Procura também discutir as relações entre História da Geologia e Ensino de Geologia, buscando formas concretas de aplicação deste conteúdo nas disciplinas dos participantes.

Teoria do Conhecimento Geológico: dentre os objetivos desta disciplina, destacamos a apresentação de elementos da Teoria do Conhecimento Geológico e a importância deste estudo na delimitação e organização do conteúdo programático de disciplinas geológicas. Isto envolve o reconhecimento e identificação dos elementos metodológicos e dos conceitos que organizam o conhecimento geológico. Foram analisados livros didáticos, visando-se caracterizar a concepção de ciência geológica neles contida. Como aplicação dos conhecimentos desenvolvidos, os participantes elaboraram uma proposta inicial de organização programática para suas respectivas disciplinas.

Tendências Pedagógicas no Ensino Superior de Geociências I - Ensino Não Formal: esta disciplina visa principalmente: a) analisar as diferentes abrangências da Educação Não-Formal: a Educação Popular, a Educação Permanente e a Divulgação Científica; b) analisar a presença das Geociências na literatura científica no Brasil; c) discutir aspectos históricos da divulgação científica e suas relações com diferentes concepções de ciência e suas contradições com o Ensino Formal; d) analisar histórica e criticamente Museus, vídeos e artigos de jornais.

Tendências Pedagógicas no Ensino Superior de Geociências II - Ensino Formal: os principais objetivos desta disciplina são: a) identificar a prática pedagógica dos participantes do curso a partir de suas características essenciais e/ou predominantes; b) analisar algumas atividades didáticas e estabelecer sua eventual vinculação com tendências pedagógicas; c) caracterizar historicamente as tendências pedagógicas predominantes na educação brasileira; d) identificar equívocos em tentativas de inovação educacional no Brasil; e) analisar a própria prática pedagógica e delinear eventuais mudanças.

NOSSAS IMPRESSÕES PESSOAIS ACERCA DO CURSO

Por razões que detalharemos a seguir, este Curso foi interessante, motivador, e contribuiu para ampliar nossos horizontes de conhecimento como professores e educadores. A constatação de que o nosso desempenho, técnicas e metodologias são coisas muito mais amplas, e com implicações/relações que nem suspeitávamos, foi a nossa primeira descoberta. Além disso, uma auto-avaliação nos mostrou que, seguindo um procedimento de praxe tradicionalmente considerado como correto, nosso desempenho docente ainda estava muito aquém do que pretendíamos. Concluímos imediatamente que deveríamos mudar esta praxe.

Uma das principais características deste Curso é a preocupação constante de trazer todos os ensinamentos para o dia-a-dia dos participantes. Assim, tudo o que era lido e discutido, era imediatamente relacionado ao nosso desempenho docente. Isto o diferencia de outros cursos, nos quais os participantes apenas sentam e ouvem teorias, sem qualquer vinculação com o cotidiano, e ao voltar às atividades normais, terminam esquecendo os ensinamentos por não saberem como aplicá-los na prática.

Gostaríamos, no entanto, alertar os nossos colegas interessados em fazer este Curso, que o mesmo não dá "receitas". Ou seja, não esperem receber instruções tipo: "Use tal técnica, que é a melhor"; "tal metodologia é a mais moderna e deve ser usada"; "em relação aos alunos temos que nos comportar assim e assado", etc... Cada qual é que terá que avaliar sua realidade, seus problemas, e encontrar a(s) solução (ções) mais adequada(s) para os mesmos. Aliás, consideramos isto uma das características mais positivas do Curso.

Dentre os participantes do curso, contamos com professores de universidades federais, estaduais, particulares e de fundações. Isto possibilitou uma discussão sobre as condições de trabalho e problemas enfrentados que, ao final, mostraram-se praticamente idênticos para todos: a) falta de verbas, que se manifesta de diversas formas: desde a falta de material (xerox, transparências, bibliotecas deficientes, etc.), até dificultando aulas de campo; b) desvalorização da profissão de professor, reflexo de um modelo educacional inadequado; c) desvalorização da Geologia como ciência necessária à manutenção do meio ambiente e à sobrevivência do homem.

Sobre Filosofia, Metodologia e Técnicas de Ensino: a) as técnicas de ensino são "neutras", pois através de uma mesma técnica podemos formar um aluno acomodado e alienado ou um aluno consciente e questionador. O resultado vai depender da Filosofia utilizada e do comportamento do professor; b) o docente atual da área das Geociências aplica uma Metodologia tradicional de ensino, embora que, às vezes, mesclada de técnicas modernas; c) toda técnica de ensino é importante desde que apoiada em objetivos concretos e bem definidos.

Sobre História do Conhecimento Geológico: para nós, um dos pontos mais importantes do Curso foi a descoberta e valorização da História do Conhecimento Científico e, mais particularmente, do Conhecimento Geológico. A consciência de que o conhecimento científico é cumulativo e adquirido através de tentativas e erros, foi responsável por uma mudança radical em nossa concepção de Ciência. Outros importantes pontos levantados foram: o fato que o conhecimento científico não é algo "acabado", "inquestionável", e que a Ciência não é "neutra" (i.e. isenta de subjetividade e de influências sócio-culturais).

Sobre a Relação Professor × Aluno:- a) decorrente do fato da evolução do conhecimento científico se dar através de erros, é preciso valorizar também o "erro" do aluno. Geralmente ele traz informações sobre a sua visão do mundo, podendo indicar ao professor quais caminhos poderão facilitar o aprendizado. Assim, na arrumação do conteúdo programático da disciplina, é indispensável que se leve em conta o cotidiano do aluno; b) professor e aluno participam de sistemas diferentes. A perfeita coordenação entre estes sistemas não se dá com facilidade, exigindo muita habilidade do educador; c) na passagem de conceitos o professor tradicional não leva em conta o desconhecimento do processo por parte do aluno, o que dificulta o aprendizado.

PERSPECTIVAS DE TRAZER O CURSO PARA SALVADOR

Durante a nossa estada na UNICAMP procuramos nos informar, junto à Coordenação, da possibilidade deste Curso ser oferecido aqui em Salvador, abrindo, inclusive, a inscrição para todas as faculdades do Nordeste. Eles se mostraram receptivos à nossa proposta. Entretanto nos alertaram para alguns problemas que, certamente, aparecem quando o Curso é oferecido no local de residência do professor. Citaremos dois deles:

- a) O Curso é de período integral (cerca de 9 horas por dia) e, não estando acostumado a esta carga de trabalho, o professor pode perder a motivação e desistir na metade do mesmo.
- b) Estando no seu local de residência e de trabalho, sempre aparecerão problemas para o professor resolver, tendo o mesmo que faltar, sair cedo ou mesmo chegar atrasado às aulas. E isto com frequência.

Por fim, acreditamos que, havendo um compromisso sério daqueles que se propuseram a fazer tal Curso, não será difícil motivarmos a equipe da UNICAMP a trazê-lo para a Bahia.

CAMPANHA "VIDRO PARA A VIDA"

Regina Celeste de A. Souza*

A escassez dos Recursos Naturais não renováveis, em escala planetária e a degradação de alguns Recursos como a água, o ar, os solos, por exemplo, preocupa-nos bastante. Como proceder para uma racionalização do seu uso e o que fazer para reverter esse quadro?

Achamos que através da RECICLAGEM, poderemos contribuir para a diminuição no uso do recursos, como a bauxita na fabricação de latas, ou das florestas na fabricação do papel, bem como, na redução da importação de produtos como a barrilha (carbonato de sódio), elemento fundente, utilizado na fabricação do vidro.

Pensamos também em reciclagem e na redução do consumo de energia. Reciclagem e preservação do meio ambiente. Reciclagem e aumento da vida útil dos aterros sanitários. Enfim, Reciclagem, como mudança de hábitos, de redução do desperdício, de reutilização de coisas que aparentemente não servem mais. Reciclagem como forma de SOLIDARIEDADE.

Com todos esses objetivos, concebemos a CAMPANHA "VIDRO PARA A VIDA", desdobramento natural do "I Simpósio Estadual Sobre Reciclagem do Lixo Urbano", realizado em Salvador, nos dias 29 e 30 de outubro de 1991, sendo promovido pelo Programa Companheiros das Américas - Comitê Bahia-Pennsylvania, Comissão de Uso do Solo da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), Empresa de Limpeza Urbana de Salvador (LIMPURB/PMS), Empresa de Limpeza Pública de Camaçari (LIMPEC/PMC), União de Prefeituras do Estado da Bahia (UPB), Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador (CONDER) e Instituto de Geociências da UFBA (Departamento de Geografia).

- Uma Campanha de Educação Ambiental/Beneficente.

Esta Campanha, pode ser sintetizada em três características básicas: 1) educação ambiental (ela visa mudar os hábitos da Comunidade); 2) ecológica (ela implica na preservação da natureza); 3) beneficente (ela é direcionada para uma Instituição de pesquisa e de atendimento médico filantrópico, que atende um grande número de pessoas carentes).

Optamos pela Reciclagem do VIDRO, por ser o vidro um lixo limpo, reutilizável. Diz-se mesmo que "o vidro não é lixo, é matéria prima". Ele é reciclável em 100% e de forma infinita. O vidro é a embalagem mais segura para medicamentos.

Escolhemos como beneficiário desta Campanha o Hospital Aristides Maltez, único na Bahia especializado no tratamento do câncer, fixando em duas mil toneladas, a meta a ser atingida.

Na verdade, o que importa não é apenas o resultado financeiro a ser auferido pela Campanha, pois ele não resolverá as necessidades daquela Instituição, mas é sobretudo o compromisso com a VIDA, que ora reassumimos; é a certeza de estarmos prestando um serviço à comunidade em que estamos inseridos.

*Professora de Geografia Econômica do Departamento de Geografia e Coordenadora de Administração de Recursos Naturais, do Programa Companheiros das Américas, Comitê Bahia-Pennsylvania.

Lançamos oficialmente a Campanha, em 8 de fevereiro, p.p., após um período de avaliação de tendência, verificada no Instituto de Geociências da UFBA (escolhido como área piloto), e no final do primeiro mês, obtivemos 14 toneladas de doações espontâneas. A expectativa é de triplicarmos este número, com todas as adesões que estamos conseguindo.

Seria impossível nominar aqui todas estas pessoas ou Instituições, muitas das quais preferem ficar no anonimato, mas com pequenas e com grandes doações de vidros, a população de Salvador e de outras localidades do Interior, têm respondido e participado.

Aqui em Salvador, as manifestações através de Condomínios, Associações de Bairro, Empresas Particulares, Entidades Filantrópicas, Movimentos Religiosos, Sindicatos, as Forças Armadas, enfim, a sociedade organizada tem dado uma demonstração de civismo e de cidadania.

Paralelamente, estamos prevendo uma Programação de Eventos, iniciando com uma Mesa Redonda intitulada "Administração de Recursos Naturais - Reciclagem do Vidro", onde serão debatidos aspectos importantes da política de reciclagem no Brasil e na Bahia.

Esse tipo de Campanha, implica em tempo de sensibilização para a mudança de hábitos da comunidade. Por essa razão, achamos que futuramente, devemos transformá-la em um Programa Permanente.

Segundo a FEVE (Federação Européia de Vidros de Embalagem), várias Campanhas integradas de sensibilização que foram realizadas na Europa no período de uma década, apresentaram cifras realmente impressionantes.

Em 1978 (pouco tempo depois da 1a. Conferência sobre o Meio Ambiente, realizada pelas Nações Unidas, em Estocolmo), a comunidade européia despertou para a alternativa da Reciclagem e atendendo aos apelos da indústria vidreira e de entidades beneficentes, reagiu com doações que totalizaram 1 milhão de toneladas. Já em 1985, esse número subiu para 3 milhões de toneladas e em 1987, dois anos depois, para 4 milhões de toneladas. Segundo a FEVE, que coordena todo o processo de reciclagem do vidro naquela área, além naturalmente do aumento do consumo e do poder aquisitivo da população, houve sobretudo uma conscientização maciça da questão ecológica.

Esperamos que a Reunião Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico, que em junho próximo se realizará no Rio de Janeiro, transmita seu ECO até nós e que possamos atingir cifras igualmente expressivas, com nível de conscientização e de amadurecimento semelhantes.

NOTÍCIAS

DEPARTAMENTO DE GEOLOGIA E GEOFÍSICA APLICADA

Em Reunião Extraordinária realizada no dia 3 de abril/92, os Professores José Haroldo da Silva Sá e Vilson Marques Dias foram reconduzidos, respectivamente, para a Chefia e Vice-Chefia do Departamento, para o biênio 1992-94.

CONCURSO PÚBLICO

Através de Concurso Público realizado no mês de janeiro/92, para a classe de Professor Auxiliar, foram aprovados e indicados para contratação Tânia Maria Fonseca Araújo (Mestre em Sedimentologia pela UFBA) para a vaga da Matéria Paleontologia - Departamento de Sedimentologia; Manoel Jerônimo Moreira da Cruz (Doutor em Geociências pela Universidade de Pierre et Marie Curie, Paris-França) e Moacyr Moura Marinho (Doutor em Geologia pela Universidade Blaise Pascal - Clermont Ferrand II, França), para as vagas da Matéria Geoquímica - Departamento de Geoquímica.

APOSENTADORIAS

No período foram registradas as aposentadorias por tempo de serviço das Professoras Joilda Carvalho Fonseca (Departamento de Geografia), Portaria 1.880/91 de 3 de janeiro/92, e Lycia Margarida Bastos da Nova Moreira (Departamento de Geoquímica), Portaria 097/92 de 7 de fevereiro/92. Registrou-se, ainda, a aposentadoria

do servidor técnico-administrativo Raimundo Rodrigues de Souza através da Portaria 1884/91 de 3 de janeiro/92.

CURSOS DE GRADUAÇÃO EM GEOLOGIA, GEOGRAFIA E GEOFÍSICA

É com grata satisfação que o Instituto de Geociências da UFBA (IGEO) dá as boas vindas aos alunos dos Cursos de Graduação em Geologia, Geografia e Geofísica, ingressos através do vestibular da UFBA de 1992, ao tempo que desejamos a todos uma futura e enriquecedora jornada no IGEO.

A DIFRAÇÃO DE RAIOS-X NO CENTRO DE EXTENSÃO DO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS - CEGEO

Embora, os grandes avanços tecnológicos da atualidade tenham propiciado o surgimento de técnicas analíticas da mais alta sofisticação, a difração de Raios-X, tem-se firmado, cada vez mais, como ferramenta indispensável em qualquer projeto de pesquisa. Lamentavelmente, alguns membros da comunidade científica geológica, parecem desestimulados a incluírem técnicas difratométricas em seus planos de pesquisa.

Utilizada, inicialmente, apenas na determinação de parâmetros de microestruturas cristalinas, a difração de Raios-X, encontrou imediata aplicação nas mais diversas áreas, como, metalurgia, física, química, cerâmica, e em particular, nas chamadas ciências geológicas, solucionando inúmeros

problemas como identificação de argilo-minerais, estudo de alterações e mineralogia de zonas de oxidação, estudo de equilíbrio de fases, determinações de solução sólida, composição normativa de rochas, solos e sedimentos, para citar apenas alguns.

Há cerca de dois anos, o CEGEO, conseguiu, ampliar o seu quadro de prestação de serviços instalando, em seu laboratório, uma aparelhagem de Difractometria de Raios-X moderna e de alta confiabilidade. Trata-se de um equipamento RIGAKU, monitorado por um microcomputador, versátil, incorporando um sistema múltiplo de registro e armazenamento de dados, com possibilidade de expansão. Possui uma unidade de arrefecimento em circuito fechado e total proteção contra radiação e falhas operacionais.

Desde então, além dos atendimentos de praxe o CEGEO passou a exercer mais esta atividade de extensão sob a responsabilidade do Professor Tersandro Paz do Rego Monteiro. No âmbito de graduação, tem colaborado com a disciplina Mineralogia II, dando aos alunos, a oportunidade de se exercitarem na interpretação de difratogramas e conhecerem o funcionamento do equipamento. Atendeu a solicitação de participantes de Estágio de Campo, identificando minerais e confeccionando difratogramas para ilustração de seus relatórios. Na área departamental, tem dado apoio efetivo às pesquisas promovidas por seus docentes, no que concerne à identificação de minerais, cálculos de parâmetros estruturais, além de alguns problemas específicos a cada projeto. Fora dos limites do IGEO, tem colaborado, com programas de teses de mestrado e doutoramento de alguns professores e alunos de pós-graduação, envolvendo a Escola Politécnica, Unicamp e Instituto de Química. Apesar da falta de divulgação, a comunidade extra universitária, tem solicitado os serviços do CEGEO, com razoável frequência.

O CEGEO está ciente, que, dentro de suas limitações de recursos tem vencido com competência e criatividade todos os desafios que lhe foram impostos e sente-se estimulado a melhorar cada vez mais o seu nível de prestação de serviços, tornando-o mais abrangente.

PROFESSOR VISITANTE MINISTRA SEMINÁRIO SOBRE URBANIZAÇÃO

Com o apoio do Goethe-Institut, o Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFBA organizou, em colaboração com o Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, um Seminário sobre "Problemas Atuais de Urbanização na América Latina", sob a responsabilidade do Prof. Dr. Günter Mertins, especialista de renome internacional e professor da Universidade de Marburg/Alemanha. O referido docente ministrou três palestras com debates para um público de cerca de 100 pessoas, em cada palestra, entre professores, estudantes e técnicos de vários órgãos e empresas públicas e privadas, na última semana de março de 1992. O professor Mertins ministrou também um seminário sobre aspectos da reunificação alemã destacando as questões geográficas e de planejamento. Durante a semana que passou em Salvador, o referido professor teve a oportunidade de discutir temas de pesquisa com professores e estudantes de pós-graduação, e técnicos interessados em questões de urbanização. Houve também uma reunião com estudantes de graduação em Geografia da UFBA sobre a situação do ensino e pesquisa em Geografia na Alemanha. Todos os seminários foram filmados em vídeo pelo EXPOGEO para posterior consulta pelos interessados.

Os contatos com o Prof. Mertins foram extremamente proveitosos, gerando a expectativa de que os mesmos possam se repetir em 1993 na área de planejamento regional.

Todas estas atividades marcam - com sucesso - o início da área de concentração em Análise Urbano-Regional, do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, sob a responsabilidade do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFBA.

As atividades do Prof. Günter Mertins foram organizadas pelo Prof. Sylvio Bandeira de Mello e Silva.

AS FERRAMENTAS GERENCIAIS DA QUALIDADE

Promovido pelo Setor de Extensão do Departamento de Geoquímica, foi realizado no Instituto de Geociências, nos dias 26 e 27 de março/1992, o Curso de Extensão "As Ferramentas Gerenciais da Qualidade", ministrado pelo professor Pedro Sampaio Linhares (Departamento de Geoquímica/IGEO), Quality Engineer, certificado pela American Society for Quality Control (ASQC). O objetivo do curso foi de fornecer aos participantes conhecimentos básicos dos métodos de coleta de dados, dos instrumentos usados na identificação de problemas, seus diagnósticos e correções, nas áreas de produção, prestação de serviços e gerenciamento de projetos.

Contando com a colaboração da Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão-FAPEX e da Pró-Reitoria de Extensão, registrou-se a participação de 26 técnicos pertencentes a empresas e organismos governamentais, dentre os quais, citam-se a POLIALDEN PETROQUÍMICA S.A., NITROCLOR, TELEBAHIA, ITPS-Instituto de Tecnologia e Pesquisa de Sergipe, Instituto de Química, além de professores e técnicos dos Departamentos de Geografia e Geoquímica do IGEO.

Demonstrando o acerto desta iniciativa, a avaliação efetivada pelos próprios participantes classificou o curso como de excelente qualidade nos aspectos relacionados a metodologia de abordagem, conteúdo, material

didático e organização. Com a realização deste curso de extensão, o Departamento de Geoquímica, retoma, após longos anos, a desejável interação entre a Universidade-Empresa, abrindo perspectivas francamente favoráveis para a promoção de eventos extensionistas similares.

INFORMATIZAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE GEOQUÍMICA

A despeito das reconhecidas dificuldades financeiras, foi implantado no início deste ano, o Programa de Informatização do Departamento de Geoquímica, representando uma atitude pioneira, em nível departamental, no Instituto de Geociências. A implantação deste programa foi iniciada com o treinamento especializado do quadro de servidores técnico-administrativos da Secretaria do Departamento no Laboratório de Informática do IGEO, e o desenvolvimento dos primeiros sistemas.

Contando, atualmente, com três microcomputadores e uma impressora, e estando previsto para 1992 a implantação de dois microcomputadores e uma impressora mais modernos, a consolidação desse sistema automatizado possibilitará condições efetivas para tornar mais ágil e eficiente o atendimento das crescentes demandas dos setores de ensino, pesquisa e extensão.

Cabe registrar que a implantação desse Programa somente foi possível com as decisivas contribuições da Direção do Instituto de Geociências e do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geofísica-PPPG, além do apoio altruístico de professores e funcionários do Departamento.

Não há dúvida que a consolidação desse Programa de Informatização representa um importante "salto de qualidade" na gestão departamental.

BIBLIOTECA SETORIAL DO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

A Biblioteca Setorial do Instituto de Geociências recebeu e registrou no período de janeiro a abril de 1992, 182 livros adquiridos através da Biblioteca Central, projetos do CNPq, recursos do Convênio UFBA/PETROBRÁS/CNPq/FINEP e doações de professores.

Também foram incorporados ao acervo, 6 fitas de vídeo-cassete, adquiridas pela Biblioteca Central da UFBA, com filmes educativos da Videopedia Britannica, acompanhadas de livro de plano de estudo para cada filme na área de conhecimento, da série Ciências: "Conservação da Natureza", "Cosmos", "Fósseis e Idade do Gelo", "O Grand Canyon", "Rios e Lagos", "A Terra e o Universo".

Foram registrados ainda 81 fascículos adquiridos por compra e 247 por doação/permuta.

WORKSHOP: IMPACTOS AMBIENTAIS E A GEOLOGIA

O Departamento de Geoquímica do Instituto de Geociências, em colaboração com a empresa Dr. Krätzig Engenheiros Associados, da República Federal da Alemanha, promoverá no dia 21 de maio de 1992, das 08:00 às 18:30 horas, um WORKSHOP sobre "Impactos Ambientais e a Geologia". O evento será realizado no Auditório B do Pavilhão de Aulas da Federação-PAF, e contará com a participação de profissionais ligados às áreas de Pesquisa e Desenvolvimento, Segurança e Meio Ambiente, Geociências, Engenharia Civil, de Saneamento, de Minas, Química, Biologia e Medicina Preventiva, e dirigentes de empresas e organismos governamentais relacionados ao campo da Tecnologia Ambiental. Estão asseguradas as participações de representantes da CETREL, COFIC, COPENE, CRA,

CQR, CPRM, SEPLANTEC, ABES, ECOPLAM e UFBA (Geociências, Química e Politécnica).

Importantes relatos sobre o estudo geológico, monitoramento e recuperação do meio ambiente serão apresentados e discutidos durante o WORKSHOP, sob a forma de seções temáticas e mesas redondas, com enfoque principal nas metodologias e aspectos técnicos do reconhecimento, avaliação e recuperação de áreas degradadas.

Objetiva-se com o evento estabelecer o estado da arte sobre as áreas degradadas na Bahia, conscientizar e integrar a comunidade científica/tecnológica sobre o assunto, e avaliar as possibilidades para minimizar os impactos ambientais decorrentes da mineração.

As inscrições para o WORKSHOP serão reservadas até o dia 20.05.92, na Secretaria do Departamento de Geoquímica do Instituto de Geociências (Tels.: 247.2566/2775 - Ramais 14/37, FAX 247.3004) ou na FAPEX-Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão (Tel.: 237.7033, TELEX 760260), e confirmadas mediante o pagamento da taxa individual (Cheque nominal à FAPEX) de Cr\$35.000,00 para profissionais ou Cr\$10.000,00 para estudantes). As inscrições serão limitadas a 140 participantes. No dia e local do evento, também poderão ser efetivadas inscrições.

RECURSOS PARA O PPPG, PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOLOGIA E DEPARTAMENTO DE GEOQUÍMICA

O Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geofísica (PPPG) e o Curso de Pós-Graduação em Geologia elaboraram, com a participação do Departamento de Geoquímica, no início de 1991, um Projeto de caráter institucional, para o PADCT/Programa de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e

Tecnológico, com o objetivo de aumentar a capacidade infra-estrutural do Instituto de Geociências da UFBA, para a realização de pesquisas geofísicas e geológicas.

Nomeio de dezenas de programas, das mais diversas instituições estaduais e federais, que atuam em pesquisas geocientíficas no Brasil, o PPPG e o Curso de Pós-Graduação em Geologia, tiveram o seu projeto aprovado com um orçamento de cerca de 1,2 milhões de dólares. Estes recursos estão sendo liberados pela FINEP-Financiadora de Estudos e Projetos, a partir de janeiro de 1992, e serão destinados para a compra e instalação de um sistema sofisticado de computação visando o tratamento de dados sísmicos no PPPG, para a aquisição de veículos adequados aos trabalhos de campo, para equipamentos de pesquisa importados e nacionais, para material de consumo e ainda para a recuperação da capacidade laboratorial do Departamento de Geoquímica. Neste último, estão sendo injetados recursos visando a aquisição de peças óticas-eletrônicas para os dois Espectrômetros de Absorção Atômica que estão operando atualmente mas, com dificuldades.

Vale ressaltar que em abril deste ano, novos projetos do PPPG/Curso de Pós-Graduação em Geologia estarão sendo submetidos ao julgamento dos Comitês Assessores do PADCT/FINEP com a finalidade de não permitir que o fluxo de recursos ao IGEQ sejam estancados e, que sua capacidade para a realização de pesquisas geológicas e geofísicas continue sendo ampliada.

WALTER DE MATTOS

1931-1992

Falecido no dia 16 de janeiro de 1992
Salvador-BA

O Professor Walter de Mattos, diplomado como Farmacêutico Químico, pela Fa-

culdade de Farmácia, exerceu várias atividades docentes, de pesquisas científicas e administrativas, demonstrando eficiência e muita dedicação. Desenvolveu seu Mestrado no Curso de Pós-Graduação em Geociências da UFBA, na área de Pedologia e seus estudos para o Doutorado em Solo e Nutrição de Plantas, na ESALQ - São Paulo.

Como Professor, ministrou cursos de Pedologia na área de graduação, no Instituto de Geociências-Departamento de Geoquímica e na Escola de Agronomia da UFBA, ao nível de Pós-Graduação, ministrou os Cursos de Química do Solo e Matéria Orgânica do Solo, além de exercer atividade de orientação e desenvolver projetos de pesquisa, na área de elementos traços em solos da região semi-árida da Bahia.

Atuou em vários projetos de pesquisa na área da Prospecção Geoquímica, no Laboratório de Geoquímica da UFBA e nos Laboratórios de Química do Solo do Departamento de Geoquímica em cooperação com a missão francesa da ORSTOM.

Na área de administração interna da UFBA, foi Chefe do Laboratório de Química do Solo, Membro do Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geociências e Chefe do Departamento de Geoquímica. Fora da UFBA, além das atividades de ensino, exerceu a Presidência do Conselho de Farmácia.

Participou, no decorrer de sua vida profissional de vários Congressos Nacionais e Internacionais, inclusive com apresentação de trabalhos.

Como colega, amigo e companheiro de trabalho, empenhou seu conhecimento, tempo e solidariedade em todas as situações em que foi solicitado, sendo, por isso, lembrado como um amigo solícito, fiel e dedicado.

É, pois, com uma imensa sensação de perda, que lembramos com saudade do Professor Walter de Mattos.

CURSO DE TÓPICOS DE HISTÓRIA CONCEITUAL DA CIÊNCIA

O Instituto de Geociências, juntamente com o Espaço Cultural EXPOGEO, promoveu o curso "Tópicos em História Conceitual da Ciência", entre 16 e 20 de março passado. O curso, ministrado pelo Dr. Roberto de Andrade Martins, da UNICAMP (Depto de Física), abrangeu tópicos de Biologia, Química, Física, Matemática e Geociências e consistiu de 30 horas de duração. Na avaliação final do curso, feita pelos alunos, através de entrevistas, ficou demonstrado ser o curso de enorme importância para estudantes e pesquisadores, sobretudo os das Ciências Naturais e Exatas. Participaram do curso 25 alunos, sendo a maioria mestrandos, estudantes de graduação e docentes da UFBA. Todas as aulas foram

filmadas pelo EXPOGEO e os filmes VHS encontram-se à disposição de Universidades e outras entidades educacionais que queiram adquirir cópias, a preços de custo.

MENÇÃO HONROSA

A Presidência da SEPM - "Society for Sedimentary Geology" (Tulsa, E.U.A.), em correspondência de 10.10.1991 comunicou ao professor Aroldo Misi, que o artigo "Origin of Sulfide and Phosphate Deposits in Upper Proterozoic Carbonate Strata, Irece Basin, Bahia, Brazil" apresentado na Reunião anual da SEPM/AAPG, em Dallas, foi selecionado pelo júri para receber menção de honra, e que foi julgado como uma das melhores apresentações realizadas em 1991.